

BENZEDORES E RAIZEIROS: A FÉ QUE CURA

Há incômodos, dores e males que se resolvem com um comprimidinho da farmácia. Por outro lado, há quem também recorra à fé, à boa-vontade e ao que nasce na terra como receitas infalíveis em algumas situações. Entram aí, então, os benzedores e raizeiros. Não faz muito tempo, praticamente toda vizinhança tinha o seu. Ao mesmo tempo, também não são poucos aqueles que têm lembranças de orações feitas em voz baixa por pessoas gentis, com ramos verdes ou água aspergida sobre a cabeça. Fábio Caputo tem boa(s) história(s) sobre isso para contar.

Pág. 3

Quando o talento está na palma das mãos

No Campo das Vertentes a Economia também flui. E parte dessa dinâmica envolve o Empreendedorismo, a criatividade e todo o talento para diferentes formas de arte na região – especialmente as manuais. Ainda assim, num cenário mais amplo e analítico, é curioso observar uma espécie de "apagamento" do setor em vista da supervalorização tecnológica e automatizada. "O trabalho manual sempre foi aviltado, desvalorizado na sociedade ocidental. Exemplo disso é que, pouco ou nada, a História da Educação e da Pedagogia trata do aprendizado e do ensino de ofícios, no caso voltados para artesanato, manufatura, atividades e profissões utilitárias".

Pág. 6



Os caminhos por onde andou Tiradentes

"Nessa travessia, de labiríntico e íngremes caminhos, visitava muitos fazendeiros e os entusiasmava com a possibilidade de liberdade do jugo da Colônia. Mineradores, comerciantes ou fazendeiros, todos conheciam a impossibilidade de arcarem com as dívidas atrasadas à Fazenda Real. Era generalizada a insatisfação com o mau emprego dos dízimos recolhidos nas passagens da Estrada Real, que vinha desde o Norte da Bahia até a vila de Parati, em São Paulo. A proibição de desenvolverem atividades além da mineração causava indignação nesses homens, brasileiros, ou não, produtores de todos os bens de consumo. Não usufruíam da riqueza da terra, nem concretizavam os ideais sonhados quando imigraram", escreve Cida Chaves.

Pág. 13

Conheça a Família Mendes Valle

"Interessantes estudos e pesquisas realizadas por Vânia Mendes Ramos da Silva e comentários feitos pela genealogista Juliana Areias, extraídos da Internet, fazem menção a membros da família Mendes Valle – da qual a pesquisadora Vânia Mendes é descendente – incluindo registros canônicos, comerciais em nosso meio, os quais agregamos à presente matéria. São assentos de batismos, casamentos, cartas de alforria, procurações envolvendo a família Mendes Valle, final do século XVIII e inícios do século XIX, no âmbito da aplicação de São Tiago e ainda Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis) configurando a importância social e patrimonial da citada família, cujos membros, em grande número, migrariam, por aqueles tempos, para o Triângulo Mineiro, em especial para Patrocínio, Paracatu, Araxá e ainda Sudeste de Goiás".

Pág. 15

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



PREÂMBULO

QUESTÃO DE SOBREVIVENCIA

Demandas por água e alimentos jamais para-
rão. Vital questão de sobrevivência. São eles re-
cursos indispensáveis, insubstituíveis. Daí a ne-
cessidade de manejo correto, a utilização racional
do solo, usos múltiplos e convergentes de tecno-
logia, investimentos, recursos humanos, planeja-
mento, políticas sustentáveis dos recursos hídr-
cos e naturais.

As bacias hidrográficas devem merecer trata-
mento especial, dada as suas paisagens e singu-
laridades geográficas, demográficas, econômicas,
humanas, sociais, ambientais, culturais. Os esfor-
ços para serem revitalizadas, recuperadas as ma-
tas ciliares, nascentes e cursos d'água protegidos,
extensivos à área urbana. Projetos integrados, en-
volvendo parcerias público-privadas, quanto ao
bom uso e a fertilidade do solo, controle da erosão
e degradação, técnicas de plantio direto, cober-
tura e recomposição florestal, proteção da fauna
e da flora, melhorias quanto à manutenção, re-
gularização e qualidade das nascentes e rios, es-
tradas vicinais, dentre tantas. Não chegaremos,
contudo, a lugar nenhum, sem o envolvimento
da comunidade, em especial do produtor rural,
de cada morador. A conscientização do compor-
tamento, da atitude harmônica de cada cidadão,
no intuito de que haja equilíbrio, tanto quanto à
preservação dos recursos naturais, quanto evi-
tar-se desperdícios no consumo.

Não se trata apenas do problema hídrico. Qua-
lidade de vida acha-se fundamentalmente inter-
ligada à qualidade do ar, do espaço, das condições
de saúde, saneamento básico, segurança, acesso
pleno à educação, cultura, lazer. Estudos clima-
tológicos realizados pela Universidade Federal de
Goiás mostram/demonstram que, em áreas arbo-
rizadas da capital goiana, mesmo em dias muito
quentes, a temperatura chega a 32º e a umidade
do ar a 40%. Já em áreas sem arborização, ruas to-
das asfaltadas, no mesmo horário de medição, a
temperatura chega a 38º a 40º e a umidade beira
os 12%. Que tais dados nos sirvam de aprendizado...

Adivinhas/Charadas



- 1- Qual a coisa, qual é ela, que mesmo atravessando o rio
não se molha.
- 2- Qual é a coisa, qual é ela, que responde sem ter boca?
- 3- Qual é a coisa, qual é ela, que quanto mais quente
está, mais fresco é?
- 4- Qual é a coisa, qual é ela, que tem todas as vogais no
seu nome?

Respostas: 1) A ponte; 2) O eco; 3) O pão; 4) A toupeira

Provérbios e Adágios

- CUIDADO, bater por trás é covardia.
- CUIDADO, Fominha, já tem viúva demais.
- Como barata: morde e sopra.
- Calça de veludo, ou bunda de fora.
- Chover no molhado.

Para refletir

A arte de calar

• O silêncio é um momento vivificante de graça, em que a criatura se
cala, mas o espírito fala... Calar sobre sua própria pessoa, é humildade.
Calar sobre os defeitos dos outros, é caridade. Calar quando a gente
está sofrendo, é heroísmo. Calar diante do sofrimento alheio, é covar-
dia. Calar da injustiça, é fraqueza. Calar quando o outro está falando, é
delicadeza. Calar quando o outro espera uma palavra, é omissão. Calar
e não falar palavras inúteis, é penitência. Calar quando não há neces-
sidade de falar, é prudência. Calar quando Deus nos fala no coração,
é silêncio. Calar, diante do mistério que não entendemos, é sabedoria.

Autor desconhecido

DA PAZ

Francisco R. Bastos

Importante é saber que Paz só será alcançada com a segu-
rança econômica.

Impossível ter Paz com tanta acumulação de riqueza por
um por cento de sionistas banqueiros multinacionais.

Importante ter claro que o problema não é político nem
de raça ou de país.

Não dá para não perceber que políticos e militares traba-
lham para o grande capital mundial.

É difícil mesmo entender que estamos encalacrados na ca-
verna do Softpower internacional. Tipo caverna de Platão.

Nossa opinião é baseada nas informações que temos aces-
so. Nosso mundo é o que conhecemos. Fora disso deve ha-
ver muito mais.

Há um muro de Berlim separando EEUU/CHINA.

Informações de um lado quase não passam para o outro.

Estamos presos numa gaiola da mídia permitida e escri-
vizada.

Minha dor é perceber que sou meu inconsciente e vivo a
Ideologia dominante!

A Paz só virá quando o povo acordar e entender o que está
a acontecer.

www.franciscoreisbastos.com.br

Expediente



credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

O boletim é iniciativa independente,
popular, voluntária. Assim, precisa do
apoio de São Tiago e região; de pessoas
comprometidas com o desenvolvimento
e a preservação da memória coletiva.
Contribua conosco! Somando esforços,
multiplicamos Cultura e Tradição.

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG - São Tiago
Apoio: Maria Luíza Santiago de Paula
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)



BENZEDORES E RAIZEIROS

Benzedor, Curador ou Rezador são designações que se aplicam às pessoas cuja atividade é curar males do corpo, da alma e do espírito, através de realização de preces, aplicação de gestos, utilização de ervas e súplicas aos santos. A função dessas pessoas, homens e mulheres sem distinção, é dar a benção, abençoar, na luta contra algum mal, usando como ferramenta toda a herança das matrizes africana, cristã católica e indígena costuradas com o sincretismo religioso. O Benzedor é um importante personagem popular e cultural, presente em locais esquecidos e sociedades mais simples e pobres, afastadas, rurais, sem a presença das estruturas de amparo e apoio governamentais no que tange a cuidados medicinais, psicológicos e acesso a produtos de alopatia.

É seguro afirmar que o motor que impulsiona o ato de benzer é a fé. Na verdade é a fé duplicada correndo em cada lado de uma via de mão dupla! A fé da mão generosa que aplica a benção e a fé de um corpo ou alma que esperam receber algum tipo do alívio. Uma pessoa que se torna Benzedor recolhe e aprende os conhecimentos e práticas dentro de seu ambiente familiar, do seu círculo social comunitário e provavelmente de seu grupo religioso. Esta base supre as necessidades de uma sabedoria teórica que não é explicitada, pois todo o processo é vivido de forma instintiva e natural. Aqui, e agora, se chega ao cerne duro da dúvida: qual é o instante em que uma pessoa se torna um Benzedor? Não existem curso e diploma para isso! Como essa pessoa reconhece em si mesma a capacidade de aliviar algum mal? E, finalizando, talvez a parte mais difícil, quando os indivíduos da comunidade reconhecem naquele suposto novo Benzedor a tal capacidade para realizar aquilo que se propõe? São questionamentos intrigantes inclusive por não nos permitir avançar na sua resolução.

Muitos já devem ter presenciado a situação onde e quando a família esta desesperada porque a filhinha muito nova não para de chorar. O choro constante é angustiante, ainda mais por não existirem cuidados, carinhos ou remédios triviais que amenizem o tormento. Chega então alguém sem credenciais ou fama anterior perguntando se pode benzer. No meio de tanta aflição, depois de dada a resposta afirmativa, o procedimento é realizado e a benção se transforma em milagre, dádida em silêncio e alívio incrédulo. Um agradecimento cansado arremata a história.

São Tiago também tem sua lista de Benzedores reconhecidos, por exemplo: o senhor Dalmo, um generalista da função; Zico Tinhana, que presenteou um amigo com um frango preto que a família saboreou depois de muita reticência e resistência; Zé Miúdo, especialista em um tipo de benção situacional para afastar cobras de pastos e o senhor Tião do Zé Lage que benzia as cabeças para impedir a calvície. Paralelamente sempre existem vizinhos, parentes e conhecidos com alguma habilidade na função.

Quanto aos Raizeiros, estes são indivíduos que exercem uma variante de saúde popular e comunitária baseada em seus co-

nhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais.

Geralmente estes ensinamentos são passados de geração em geração. Eles entendem os mecanismos da biodiversidade, dominam técnicas de colheita, identificam plantas medicinais e seus habitats e o preparo de remédios caseiros como emplastos, garrafadas, tinturas e banhos. Eles têm intimidade com Aroeira, Arruda, Boldo, Capim-cidreira, folha de Goiaba, Guaco e etc.

As vidas de Benzedores e Raizeiros costumam andar lado a lado, sendo que muitas técnicas são utilizadas em comum. O Benzedor usa a fé e o Raizeiro usa o princípio ativo, mas as intenções se encontram no objetivo único de ajuda.

O Benzedor e o Raizeiro normalmente são da mesma terra e origem daqueles de quem cuida utilizando os ensinamentos antigos obtidos oralmente. Fazem questão de manter em segredo suas práticas, suas preces favoritas, e não cobram pelos atendimentos. Em análises mais cínicas e legalistas são chamados de Curandeiros. Claramente este ambiente é propício para o aparecimento de charlatões, mas, uma visão distanciada mostra que o contexto é um pouco mais complicado e exige mais que uma sentença que extermine algo de boa fé que, circunstancialmente, possa trazer algo positivo sem substituir e descartar temerariamente a medicina tradicional.

Meu pai era um homem de pele muito clara. Puxou a minha avó. Certa vez, em um carnaval de décadas atrás, passamos o dia na Prainha do Rio do Peixe, a jusante da antiga ponte. O local era servido pela presença de inúmeras aroeiras frondosas e foi debaixo delas, aproveitando a sombra, que meu pai passou o maior tempo fugindo do calor. Relatam que existem pessoas que, de tão sensíveis, não podem nem passar perto dessa árvore. Dito e feito. A aroeira era provavelmente do tipo aroeira-brava e as costas do meu pai ficaram completamente vermelhas, cheia de bolhas e coceira, como costuma ser este tipo de dermatite.

As receitas corriqueiras não aplacaram o sofrimento do meu pai, e então procuramos no bairro Cruzeiro um senhor com conhecimentos específicos que poderia ajudar. Uma pesquisa atual concluiu que poderia ser o Senhor José Veronca, um trabalhador rural que gostava de andar com um facão na cintura e tratava a todos como “menino”. O Senhor José orientou que deveríamos nos dirigir até um valo que estava localizado no limite interno da atual Praça do Skate e terminava na divisa do terreno do Campo do Cruzeiro. Ali deveríamos colher uma planta chamada Sabão de Gentio e com ela fazer uma preparação em água para aplicar nas queimaduras de aroeira. Sabão de Gentio, ou Sabão de Soldado, uma pequena árvore do Cerrado, é um substituto natural do sabão, indicado para tratar feridas. Assim foi feito e assim meu pai conseguiu o alívio para aquilo que o consumia.

Benzedores e Raizeiros contribuem para a história, com histórias!

Fabio Antônio Caputo



Solenidade de Estadualização da Escola de 2º Grau

GRATUIDADE DO ENSINO DE 2º GRAU EM SÃO TIAGO

Em outro momento, descrevemos o grande desejo da comunidade são-tiaguense de oferecer, de forma gratuita, o ensino de 1º grau nos anos finais, da 5ª à 8ª série. Esse objetivo foi alcançado em 1979.

Com o passar dos anos, a conclusão do 1º grau (atual Ensino Fundamental) possibilitava o ingresso em um curso técnico, no Científico ou no Magistério, além de permitir trabalhar em escritórios e empresas. No entanto, essas oportunidades de emprego eram mais acessíveis em cidades maiores, pois, no interior, o mercado de trabalho era limitado.

Havia ainda uma grande questão a conquistar para a comunidade: a oferta gratuita do 2º grau (atual Ensino Médio). Esse nível de ensino era disponibilizado apenas pela Escola da Comunidade Santiaguense, uma instituição particular. Apesar das dificuldades financeiras enfrentadas por muitos alunos e seus familiares para arcar com as mensalidades, é importante ressaltar a significativa contribuição dessa escola para a cidade. Sem ela, a educação local talvez não tivesse avançado tanto, nem teria atendido a outras comunidades ao redor de São Tiago.

O ensino secundário na cidade teve grande relevância, especialmente em uma época em que a maioria dos professores eram leigos, com formação limitada ao 3º ou 4º ano pri-

mário, o que era comum nas escolas rurais da época, devido à falta de professores formados. Na cidade, havia professoras habilitadas, formadas em Oliveira ou São João del-Rei, que atuavam no Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior".

Com a criação do curso Normal, destinado à formação de professores primários, a comunidade passou a contar com diversos profissionais qualificados, o que elevou significativamente o nível de ensino, tanto em São Tiago quanto na região. Essa etapa de ensino era considerada quase uma "faculdade", e poucos conseguiam alcançá-la. A formação oferecida era de altíssimo nível, graças aos professores que possuíam uma vasta bagagem de conhecimento. Além do corpo docente de São Tiago, a escola também recebia professores de São João del-Rei, Bom Sucesso, entre outros.

Surgiu, em meados da década de 1980, um movimento na cidade liderado por políticos e cidadãos influentes, que buscavam a oferta gratuita do segundo grau, assim como já acontecia com o primeiro. No entanto, alguns profissionais da educação defendiam a continuidade da Escola da Comunidade Santiaguense.

Após diversas petições enviadas ao governo mineiro, foi conquistada a estadualização do 2º grau e, conseqüentemente, a transição da instituição, com a publicação do Decreto nº 25.883, de 13 de maio de 1986. A solenidade de instalação da estadualização ocorreu em 23 de maio do mesmo ano, graças aos esforços e à determinação de beneméritos como Guido de Dirceu Reis (à época, prefeito municipal), Sebastião Maurílio Santiago, José dos Reis Santiago, Ivanir Mendes, José Alencar Santiago, Dr. Kildare Gonçalves Carvalho, Dr. Wainer de Carvalho Ávila, Dr. Ciríaco Alvarenga e tantos outros que lutaram por essa causa em prol da comunidade.

O 2º grau, agora estadual, permaneceu por um tempo no mesmo endereço, na Rua São José, nº. 55. Com a mudança, o ensino passou a ser gratuito, permitindo que muitos alunos que haviam abandonado os estudos, seja após a 8ª série ou durante o Ensino Médio, por falta de condições financeiras, pudessem retornar e concluir sua formação. A conclusão dessa etapa abriu portas para o ingresso no ensino superior, além de possibilitar a participação em concursos públicos e pleitear a vagas de emprego que exigiam esse nível de escolaridade.

Durante a transição da entidade mantenedora, foram considerados vários nomes para a escola, incluindo os de autoridades que já davam nome a ruas e instituições públicas. O prefeito Guido Dirceu Reis aceitou a sugestão de que a unidade escolar fosse nomeada de Escola Estadual "São Francisco de Assis", em homenagem a Monsenhor Francisco Elói de Oliveira, grande visionário e idealizador da escola, que propôs a continuidade dos estudos após o curso primário. Monsenhor Elói, devoto e admirador da biografia do santo, ficou muito feliz com a escolha do nome.

Com a extinção da Escola da Comunidade Santiaguense, a antiga Delegacia Regional de Ensino orientou que a nova unidade escolar se adaptasse ao sistema da rede estadual. A grade curricular do curso Magistério permaneceu praticamente a mesma, mas houve uma reformulação no quadro de pessoal, conforme os critérios do sistema estadual, que levavam em conta a formação acadêmica e o tempo de serviço público estadual. Embora isso tenha gerado alguns desconfortos, foi uma questão de adaptação.

Em dezembro de 1986, foi realizada a primeira formatura do curso de Magistério pela rede estadual de ensino. Na solenidade, a alegria dos pais era visível, ao verem seus filhos concluírem uma etapa importante da educação básica de forma gratuita.

Desde os tempos do Ginásio, do Colégio Normal, da Escola da Comunidade Santiaguense e da Escola Estadual "São Francisco de Assis", a instituição continuou recebendo alunos não apenas da cidade, mas também de Morro do Ferro, Mercês de Água Limpa e outras localidades. O ensino gratuito atendeu à demanda da comunidade, e essa conquista era motivo de grande satisfação para todos.



Concluintes da 1ª Turma da Escola São Francisco de Assis

Anos mais tarde, por meio da Portaria nº 066/93, de 30/01/1993, a Escola Estadual "São Francisco de Assis" passou a oferecer o Ensino Médio Comum Geral (antigo Científico) no turno matutino. Inicialmente, muitos alunos demonstraram interesse, pois o curso proporcionava uma base mais sólida para a preparação para o vestibular. Com essa expansão, a escola passou a ofertar o Ensino Médio nos dois turnos, permitindo que os estudantes cursassem, simultaneamente, o Científico pela manhã e o curso de Magistério à noite, caso tivessem interesse.

Em meados de 1998, a escola iniciou o projeto "A Caminho da Cidadania" (no formato atual da EJA - Educação de Jovens e Adultos) para atender alunos fora da faixa etária escolar ou aqueles que desejavam concluir o Ensino Médio



em um ano e meio. No mesmo ano, em dezembro, formou-se a última turma do Curso de Magistério, que, por normas educacionais, passou a ser oferecido apenas em escolas de grande porte, restando, assim, apenas o Ensino Médio sem habilitação profissional.

A partir de 2001, a Escola Estadual "São Francisco de Assis" foi extinta e integrada à Escola Estadual "Afonso Pena Júnior", formando um bloco único da Educação Básica, que englobava o Ensino Fundamental anos finais e o Ensino Médio. A Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (SEE/MG) justificou a medida como uma forma de contenção de despesas da administração pública, citando a falta de um prédio próprio e verbas específicas, o que gerou polêmicas na comunidade escolar.

A instituição educacional de 2º grau teve um papel fundamental na história da educação em São Tiago. Embora fosse paga, possibilitou o acesso a uma formação extremamente relevante, que abriu oportunidades de trabalho, permitiu a continuidade dos estudos em nível superior e representou um avanço para a comunidade. Com a estadualização, a unidade escolar incorporou a extinta Escola da Comunidade Santiaguense (CNEC). Tanto a escola privada quanto a pública são, até hoje, lembradas com carinho e gratidão pelos ex-alunos que, por meio delas, tiveram a oportunidade de obter um diploma, uma profissão, conseguir um emprego, ser aprovados em concursos públicos e realizar seus sonhos.

Parte dessa trajetória está preservada no Memorial Santiaguense, que conta com uma sala dedicada à escola, chamada CNEC, onde estão expostos quadros das turmas de ex-alunos, materiais didáticos e objetos que marcaram essa época tão importante para a educação de São Tiago.

Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR

PROFISSÕES E OFÍCIOS ARTESANAIS

“O horizonte da história ainda está aberto” (Herbert Marcuse)

Profissões artesanais e manufactureiras detiveram uma significativa dimensão histórica e social como atividade laborativa, ao lado de uma dimensão pessoal, de afirmação individual e coletiva para o trabalhador no passado. Numa sociedade agrário-mercantilista, desigual, de viés escravista, distante da valorização individual (o que se estendeu pós-Lei Áurea) artesãos e oficiais – livres ou servis – nos mais variados setores de trabalho, deixaram a marca da sua competência, de sua relevância, contribuindo para o fortalecimento e aprimoramento da economia, da cultura, das artes.

A riqueza, a história e o progresso dos povos são frutos de ideias e efetivadas especificamente pela ação cotidiana de atores, via de regra, olvidados pela memória coletiva. Pessoas simples, anônimas, marginalizadas que realizaram, fizeram-se agentes da história, ai deixando sua marca, seu fado de alegrias e dissabores, ao sabor do vento, suor e sangue a irrigarem o tempo! Rememoramos aqui, sem maiores pretensões, alguns dos profissionais de nosso meio que tiveram a benesse de serem anotados por escritores e memorialistas regionais, no intuito de que leitores e gerações de hoje reconheçam, valorizem os heróicos personagens que edificaram e compuseram, na esteira dos anos, o desenvolvimento local-regional. Nossos cumprimentos, ademais, aos autores – memorialistas, cronistas, historiadores de nossas Vertentes – que, com seu humanismo, perícia literária, inteligência, argúcia conseguiram captar o dia-a-dia de tantos obreiros de nosso meio, permitindo a fixação de seus nomes no frontispício da história e a nós, a honra de reverenciar/enaltecer o trabalho de nossos abnegados e magistrais antepassados.

O trabalho manual sempre foi aviltado, desvalorizado na sociedade ocidental. Exemplo disso é que, pouco ou nada, a história da educação e da pedagogia trata do aprendizado e do ensino de ofícios, no caso voltados para artesanato, manufatura, atividades e profissões utilitárias. Por outro lado, há uma extensa legislação e regulamentação sobre ensino agrícola, industrial, financeiro-comercial⁽¹⁾. O artesanato, ofícios manuais e manufactureiros, ao lado de seu papel artístico, exercem fundamental importância na cultura e no turismo em geral. A comercialização de produtos típicos em diferentes espaços como feiras, mercados, centros de artesanato movimentam a economia e o desenvolvimento local-regional, gera emprego, renda, construindo a identidade social de um povo. Assim o resgate de antigas tradições artesanais, manuais, saberes populares – que são o legado de nosso passado e nosso presente – deveria ser estimulado pelas autoridades, através da implantação de associações e ofi-

cinas de artesãos, exposições etc.

Minas Gerais sempre foi celeiro de mestres, de ofícios, de gênios anônimos. Nos mais distantes povoados, os mais ínfimos recursos, nas cidades maiores erguidas com a extração do ouro ou a atividade agropastoril, marcadas por monumentos em pedra ou peças manuais de perfeito labor, eis a arte despojada, a magistral composição dos mestres artesãos, almas eivadas de sabedoria e sensibilidade, fruto dos fluxos artísticos caboclos, o fervor barroco! Longe das grandes metrópoles europeias, a marca de um povo tropical laborioso, sofrido, premido! Manifestações culturais de inigualável valor, riqueza única, saberes, afazeres profissionais, ofícios e profissões, raízes de nossa pátrea, férrea, mineiridade – hoje em considerável parte extintos ou moribundos, quicá cultivados ainda em grotões por velhos mestres ou como hobby artístico. É o que se busca resgatar, auscultando-os na memória de nossos escritores, integrando-os ao presente e oxalá restaura-los, ainda que para fins turísticos.

Segundo o historiador José Newton Coelho (“Artes fabris e artes banais”), os chamados ofícios fabris ou mecânicos eram controlados pela Coroa Portuguesa, através de rígida legislação e fiscalização⁽²⁾. Dentre os ofícios mecânicos, conquanto muitos deles desvalorizados, eram essenciais ao funcionamento da sociedade, mencionam-se os alfaiates, padeiros, torneiros, entalhadores, ferreiros, costureiras, latoeiros, tanoeiros, marceneiros, seleiros, pedreiros, mesmo escultores. Profissionais que construíram a nação, vencendo a rigidez de uma sociedade que nunca honrou o seu trabalhador, que produziam objetos, instrumentos, utensílios, equipamentos, ferramentas, roupas, máquinas em ofícios ligados a setores tradicionais como mineração, lapidação, ourivesaria, tecelagem, alimentação, forja e fundição, bordados, cimalhas e carpintaria, curtume, transportes, tropeiragem etc.

O mestre de ofício detinha a posse sobre os meios de produção (ferramentas) e por vezes a matéria prima, bem como o conhecimento técnico. Representam os ofícios manuais uma riquíssima manifestação histórica e cultural, observando-se variações técnicas, formas de aplicação, de matéria prima utilizada (madeira, argila, pedra, tecido, ferro, taquara etc.). Urdidores do tempo, tecelões trabalhando o tear da vida cotidiana – para muitos, a estafa, os rigores pessoais e profissionais, a dura luta de se tirar o sustento da matéria bruta... Muitos desses ofícios de viés colonial, senão medieval, que persistiram em caráter singular, utilitário por detentores do saber e do fazer tradicional, caracterizando, de forma peculiar, a maestria e a genialidade de nossos artistas populares.

NOTAS

(1) Além dos preconceitos de classe social, herdados dos colonizadores europeus, encontramos óbices educacionais, desde os primeiros séculos, pois os jesuítas – a ordem religiosa mais influente na educação do Brasil Colônia – ministravam ensino catequético e ainda ligado às letras (atividade intelectual), ensino literário hierarquizado, de base clássica, quando não livresca. No topo, expresso na estrutura organizacional religiosa da Companhia de Jesus, os padres com sólida formação intelectual, em-

basada em autores clássicos e doutores eclesiásticos, fluentes em várias línguas; no rés do chão, os irmãos leigos, que desempenhavam as atividades práticas, fundamentais ao funcionamento das escolas e colégios, auxiliados por inumeráveis escravos. Ao contrário, os beneditinos conferiam destacado valor ao trabalho manual...

(2) 05-01-1785 – Alvará de D. Maria I proibindo a fabricação e manufaturas de ouro, prata, seda, algodão, linho, lã ou tecidos no Estado do Brasil

OFÍCIOS ARTESANAIS NAS PALAVRAS DE ALGUNS DE NOSSOS MEMORIALISTAS E ESCRITORES

QUITANDEIRAS - DOCEIRAS - PADEIROS

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“Silvéria era uma negra que morava um pouco abaixo do Ninico Reis (...) Aparentava carregar os seus cinquenta e tantos anos. Era mãe do Aristides. Sua profissão: quitandeira. No terreiro do quintal, tinha ela um forno grande feito de tijolos onde, quase todo dia, assava os seus biscoitos. De tardinha, balaio nas costas, o vendedor (Aristides) subia a Rua Sete. Nele, as broas, os biscoitos misturados, os torradinhos cheiravam gostoso, despertando a minha gulodice de garoto” (EC, p. 22).

“D. Carlota era extraordinária, mestra consagrada na fabricação de amêndoas. Elas é que recheavam os cartuchos vendidos nos bares de minha terra (...) Até recentemente, sua filha Nhazinha ainda fazia as deliciosas amêndoas. Herdara da mãe todos os segredos (...) Ofício cheio de simplicidade e poesia que valorizou muito a minha meni-

ce. Agora, quando chegam a Semana Santa e as Coroações de Maio, penso nela. Nos bares e botequins não devem existir os bandejões de cartuchos e as meninas que coroam Nossa Senhora voltam para suas casas de mãos vazias” (EC, pp. 22/23).

“Estavam garantidos, durante sete dias (da Semana Santa), os gastos com pastéis, balas, cartuchos de amêndoas feitos por D. Carlota Procópio...” (ENT, p.88).

“Quitandeira era a Maria do Zé Nico, perita no fabrico de pão de queijo, biscoito cozido, torrãozinho, suspiros...” (ENT, p. 57).

“Chico de Melo – Tinha a profissão de padeiro e sua padaria funcionava anexa à sua casa (...) Ainda sinto o sabor delicioso das rosas, do pão-combate, das bolachas quadradas que ali se fabricavam (...) O Chico de Melo possuía um depósito de pães debaixo do sobrado em que morava o Dr. Costa Pinto ali nos Quatro Cantos (...) Na vi-





trina, sempre se exibiam um pudim feito de pão velho, a que, alguns, por galhofa, apelidaram de “defunto frio” dado o seu sabor pouco agradável e sua baixa temperatura” (EC p. 26).

“Orozimbo Lara – Todos os dias, à tarde, ia ao botequim do Tonico Xalé e comprava boa quantidade dos afamados biscoitos torradinho que D. Carlota tão bem sabia fazer” (EC, p. 40).

“Na hora do café, Cadico, 1º oficial, um mulato alto, excelente violonista, filho de Dª Maria do Valeriano, uma das mais competentes quitandeiras de Resende Costa, me levou a casa dele. Não resisti ao convite. Menino peralta e guloso, eu sabia que biscoitos muito gostosos estavam lá à minha espera” (EC, p. 45).

ANTONIO DE LARA RESENDE – RESENDE COSTA

“As vezes, voltávamos levando, em resposta, os gostosos biscoitos de polvilho de Siá Senhorinha. Mas preferíamos as amêndoas que, lá, em casa, não se faziam” (MIBVAC, p. 121).

“Só a ela (Tia Glória) competia, com exclusividade absoluta e intransferível, o dever de confeitar, cada dia, e pôr-lhe diante um bom-judo, oloroso e fumegante pão-de-ló...” (MIBVAC, p. 379).

“O único odor agradável lá em casa que nos chegava do lado do Beco do Antonio de Melo, Beco das Selarias, odor diferentíssimo daquele que nos mandavam os nauseabundos couros postos de molho, era um doce odor de amêndoas (...) Era chegar-nos aquele odor às narinas e logo a boca se nos enchia d’água. E se qualquer um de nós, naquela horinha adocicada, dispunha de um 40 ou de um vintém lá ia o felizardo a correr

à casa próxima de Siá Senhorinha, para trazer de volta um punhado de amêndoas branquinhas, gostosas, durinhas e barulhentas quando trituradas entre os dentes” (MIDBVAC, p. 117).

“A velha (Siá Senhorinha) a fazer suas amêndoas, a filha (Glória) a fabricar cartuchos de papel de cor, a enchê-los e a vendê-los ali mesmo à freguesia, quase toda de meninos que se sucediam à porta, comprando e levando cartuchos de vintém, de um quarenta, de um tostão e até de duzentos réis” (MIDBVAC, p. 117). “Deslizando no tacho, de um para outro lado, sob o tato paciente de Siá Senhorinha, iam crescendo as amêndoas com a firme adesão da calda leitosa de pévides de erva doce (...) Para saírem boas as amêndoas, têm de ser feitas lentamente a fogo muito brando (...) E as bagas de amendoim e os pedaços de côco também corriam, se encorpavam naquele “balancé de quadrilha” como a dançar docemente no fundo do tacho brilhante...” (p. 120).

ANTONIO GAIO SOBRINHO – CONCEIÇÃO DA BARRA DE MINAS

“Outro ramo que podia florescer é a indústria de quitandas: broas, bolos, roscas, biscoitos, rosquinhas, pães. No passado, em quase todas as casas, existia um forno feito de cupins, aquecidos a lenha, dos quais, em vésperas de festas, se exalava um cheiro bom de broas, pamonhas, joões-deitados. Como padeiro, ficou na lembrança o nome de Leonino Rocha e José Eugênio Santiago, o Zé Caixeiro” (MSCBM – p. 125).

“Ora o João Basílio com suas rapaduras e doces num balaio, sentado no canto do adro, encostado no frade de pedra, aos domingos, após a missa das dez” (MSCBM, p. 127).

CARPINTEIROS

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“Silvéria era mãe de Aristides, braço direito do Mestre Jacó, nos serviços de carpinteiro. Mais tarde, dedicou-se à fabricação de caixões mortuários” (EC, p. 22).

“Lembro-me dele. Chamava-se João e era filho do Eliseu, um carpinteiro que morava na Rua Sete de Setembro...” (EC, p. 37).

“João Leopoldino – acho que tinha a profissão de carpinteiro...” (EC, p. 39).

SELEIROS

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“Chico Preto – alto, magro, meio amorenado (...) Seleiro por profissão, quase sempre se entregava ao trabalho de curtir couro, principalmente os de bezerra. Com a pele fabricava suspensórios, carteirinhas de dinheiro, uma porção de utilidades que vendia baratinho” (EC, p. 23).

“Beijo de Melo não o conheci. Sei que era seleiro e pai do Zino e da Fifina” (EC, p. 17).

“Chico Eustáquio, seleiro de mão cheia” (EC, p. 38).

ANTONIO DE LARA RESENDE – RESENDE COSTA

“Onde morasse um Melo, ali rescendiam e se mostravam sinais inconfundíveis de sua profissão: retalhos de sola e de couro cru nas cercanias da casa. Os cavaletes secando e fedendo ao sol, carcassas ou cascos de cangalhas, de lombilhos, de bastos, de selins e silhões

de tudo quanto era utensílio de couro. Dos portais das portas e janelas, como cachos em coqueiros ou bananeiras, pendiam feixes de rédeas e cabrestos; de rabichos e loros; de peitorais e barrigueiras de silhas e contos; de chicotes e correias de espora. O diabo a quatro. Tudo ali que os Melos pudessem extrair da sola e do couro cru principalmente” (MIDBVAC, p.p. 97/98).

“Os habitantes do primitivo arraial da Lage (...) eram artesãos e mercadores, moradores de rua como diziam os que ali formavam a classe de maior realce entre os do povo local. Os Melos eram os mais agressivos e mais resistentes aos preconceitos cujas consequências os atingiam em cheio” (MIDBVAC, p. 100).

MARCENEIROS – ENTALHADORES - ESCULTORES – GAMELEIROS

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“Crispiniano Pereira – Foi um mago da arte. Marceneiro por profissão, morava numa casa simples na rua que levava ao Beira-Muro (...) Era um homem alto que usava óculos que lhe cavalgavam sempre a ponta do nariz (...) O que fazia dele um artista era a sua perícia em confeccionar alfaia e altares para as igrejas de minha terra (...) Foi um profissional muito habilidoso e que usou a sua arte para embelezar os lugares sagrados de minha terra natal” (EC p. 46).

“Valcides Praxedes – Excepcional figura humana, portador de uma simplicidade que a todos cativa. É sobretudo um artista renomado, conhecido nacional e internacionalmente (...) É um autodidata em escultura (...) Suas imagens retratam personagens bíblicos – sempre se dedicou à arte sacra. Na primeira fase, se ocupou em ornar o interior das igrejas com seus capitéis e molduras, tudo em baixo relevo. Depois se dedicou à confecção de crucifixos e de obras de cunho místico e religioso (...) Isolado em seu rústico ateliê, ao lado de sua residência, Valcides desbasta os toros de madeira com suas humil-

des ferramentas. E, em pouco tempo, brota, nasce daquele anônimo natural uma obra de arte. Tem suas obras expostas no Museu do Vaticano. Muitas cidades brasileiras, como Juiz de Fora, mostram, nas procissões da Semana Santa, imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, nascidas de suas mãos privilegiadas” (EC, pp. 46/47).

“O chefe da casa (Chico Goulart) era gameleiro. Servindo-se de um toro de madeira e de ferramentas adequadas, desbastava aquilo com a enxó recurva. E com extrema perícia, cavava-lhe no centro uma depressão, alisava-lhe o exterior. O tamanho variava com conforme a matéria prima. Havia gamelas pequenas, médias e grandes. No fim de algumas horas, o utensílio estava pronto para ser vendido. E era de suma utilidade para as donas de casa. Nas gamelas se preparava a massa para os pães de queijo, para as broas e torrinhos. Quitandeira que se prezasse possuía duas ou três gamelas” (EC, p. 65).

“Zezé era muito habilidoso, doutor em fazer carrinhos de tábua de pinho” (ENT, p. 16).

BARBEIROS

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“...bom João Praxedes que tinha seu salão de barbeiro ali juntinho da Cadeia Pública” (EC p. 46).





FABRICANTES DE TINTAS (PARA TINTEIROS ESCOLARES, ROUPAS ETC) – DE ANIL

ERMINIA DE CARVALHO CAPUTO RESENDE – SÃO TIAGO

“Pouco dinheiro, as pessoas tinham de viver com economia; economia mesmo de tinteiros comprados; passávamos a compra da tinta em vidros, garrafas de meio ou de um litro feita pelo senhor Zé Tãtão, morador no Cerrado, em local próximo ao cemitério” (SF, p. 76).

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“Subindo, vinha a morada de Siá Bárbara, mãe de Maria Leonarda, velhota gorda, voz de taquara rachada, brava feito onça. Nas tardes cálidas, findos os trabalhos domésticos, gostava de sentar-se na calçada da frente. Eximia fabricante de anil, substância que se adiciona à água para se alvejarem roupas brancas encardidas” (ENT p. 16).

FABRICANTES DE VASSOURAS

ERMINIA DE CARVALHO CAPUTO RESENDE – SÃO TIAGO

“Vassouras (...) de coqueiro, das palhas secas. De capim, de piaçaba as mais comuns hoje. Sá Ana do Sítio fazia vassouras de boa qualidade em tempos já distantes” (SF, p. 85).

FABRICANTES DE MANTEIGA

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“Um filho mais velho do Zé Mingote levava aquilo (latas de creme) até a fábrica de manteiga do Nico de Souza” (ENT, p. 109).

PAULO PALUMBO – SÃO TIAGO

“Até os nove anos, morei na Fazenda Boa Vista, num lugar chama-

do Melos. Naquela época, meu pai tinha uma fábrica de manteiga, um pequeno armazém e criação de gado bovino e suíno. Tudo isso ele conseguiu com muito trabalho e luta, pois, quando veio da Itália, ainda era um jovem de seus 15 anos” (MVDCV, p. 1) “Em 1932, tirei o diploma de 4º ano primário. Nesse mesmo ano, meu pai foi para o Rio de Janeiro acertar contas de venda de manteiga” (MVDCV, p. 2).

FIANDEIRAS – TECEDERAS – TRICOTEIRAS - COSTUREIRAS

ERMINIA DE CARVALHO CAPUTO RESENDE – SÃO TIAGO

“Quando fazia a tosa da lã de carneiro, após a lavagem e fiagem, faziam-se os novelos, tão bem feitos – que ainda tenho alguns – para guardá-los até que a colcha pudesse ser tecida. O algodão colhido, descaroçado, era fiado na roca e enrolado em novelos para muitas utilidades, a principal as colchas, agasalhos no tempo de frio. Grande fiandeira era a Alacoque, que também tecia/enrolava fumo de rolo” (SF, p. 142).

“Tia Nenega gosta de fazer tricô. Lindas peças, inigualáveis e refinadas. Desde que eu era menina, lembro-me desse seu trabalho e de seu gosto por tecer os paletós, sapatinhos, casacos, gorros, ca-

checol” (SF, p. 143).

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“... Sinhazinha era costureira de mão cheia, além de cantora no coro paroquial. Alta, magra, quando sorria mostrava sempre uma pinta de ouro nos dentes incisivos” (ENT, p.17).

“Nas vésperas de Semana Santa, Tia Chiquita com as filhas não davam sossego aos figurinos. Entravam pela noite alta, costurando...” (ENT, p. 92).

“Tia Chiquita ficava lá dentro, costurando, principalmente em véspera de Semana Santa. Antes, os figurinos já haviam sido consultados” (CDA, p. 58).



FERREIROS - LATOEIROS

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“Do lado de baixo, a tenda de meu padrinho (José do Cristino) com a forja, o fole, o compartimento de carvão cercado por uma esteira, a bigorna, a máquina de furar. Por todo lado, montes de sucata (...) para fabricar ferragens de carros-de-bois, ferraduras” (EC p. 58).

“(José Cândido) costumava trabalhar com o meu padrinho José do Cristino em sua oficina de ferreiro. Sua missão: tocar o fole e a ajudar a malhar o ferro” (ENT, p.47).

“O pai de Conceição, ferreiro de mão cheia, tinha sua oficina abaixo da casa. Ali se faziam ferragens de carros-de-bois, ferraduras, colheres de ferro, uma porção de utilidades” (CDA, p. 128).

“O percurso era feito a pé em pouco mais de uma hora. Saíamos pelo pasto de D. Custódia, passávamos pela Fonte da Ilha, pelo João Rodrigues, velho ferreiro em cuja tenda a bigorna nunca descansava. Tó! Tó! Tó! martelando as horas, os dias” (ENT, p. 68).

“Logo abaixo da construção principal, e separado por um imenso portão de madeira, ficava a tenda. Sim, porque meu padrinho (José do Cristino) era ferreiro e dos bons (...) Era uma espécie de galpão rús-



tico com os tijolos à mostra. Em seu interior, o chão de terra batida, o grande fole com uma cruz em sua parte superior, instrumento poderoso que conservava sempre vivo o braseiro da fornalha onde se aquecia o ferro, que iria transformar-se em ferraduras, freios, ferragens de carros-de-bois, em uma porção de utilidades. Encostado à parede do lado, o grande cocho com água para resfriamento das tenazes. À esquerda, duas máquinas de furar; no meio, a grande bigorna e no fundo, separado por uma esteira, o monte de carvão. Amon-toados, por todos os espaços, pregos, parafusos e farta sucata. Para malhar o ferro, o ajudante pegava do malho e o ferreiro de um martelo grande. Faziam o que desejavam sobre a bigorna” (ENT, pp. 91/92).

ANTONIO GAIO SOBRINHO – CONCEIÇÃO DA BARRA DE MINAS

“Meu tio materno, Antoninho Cabral, com suas tesouras, martelos e maçaricos foi um grande latoeiro em sua humilde casa junto à cava do Santa Cruz. Fazia bules, canecas, baldes, chocalateiras, solda vasilhas furadas e fabricava para as crianças cacimhoezinhos, flautas e apitos” (MSCBM, p. 125).



TRABALHOS EM PEDRA, GRANITO - PEDREIROS

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“Logo à frente surgia a casa do Chico Canela. Pedreiro afamado, casado com a Augusta, mãe do Bibica, do Ari e de muitos outros filhos. Seu Chico, quando não estava a serviço de terceiros, trabalhava em casa fabricando pedras de moinho. Protegido por óculos especiais, segurando o maceta de ferro e o ponteiro, passava horas e mais horas desbastando o granito. Era um homem rude e franco, mas de uma honestidade inatacável. A ele se atribuem episódios interessantes em que atuou como principal personagem. Conta-se

que, certa noite, o Bibica (filho), debatendo-se em tremendo pesadelo, começou a gritar: - “Cerca o boi, pai! Cerca o boi!” Acordado pelos berros do filho, o velho pedreiro, ao invés de levantar-se e ir socorrer o coitado, mais alto ainda se pôs a gritar: “Toca prá cá! Toca prá cá!” (ENT, pp. 16/17).

“Zé Caetano, mulato espinafado, de poucas carnes, pedreiro nas horas vagas, que apregoava os leilões nas festas importantes” (CDA, p. 104).

FABRICANTES DE TERÇOS RELIGIOSOS

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“Mais acima, morava o Zezinho Cardoso, marido de Sebastiana. Vivia de alicate na mão, fabricando terço. Era verdadeiro artista neste mister. Na sexta-feira da Paixão, o Zezinho sobraçava um monte de velas e saía vendendo pelas ruas” (ENT, p. 17).



TROPEIROS / BOIADEIROS

JOÃO LUCIO BRANDÃO – SÃO TIAGO

“...O Ivo trabalhava como capataz de boiadas e porcas que levava para baixo ou conduzindo tropas” (P&C, p. 140).



SAPATEIROS

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“A seguir, vinha uma residência alta, três janelas na frente, onde se escondia o Chico de Barros com a família. Era sapateiro e andava sempre de boné na cabeça. Baixo, miúdo, amante de teatro, o Chico era um cômico formidável” (ENT, p. 17).

“O quartel ficava ali juntinho da oficina de sapateiro do Silvio da Adelaide, um pouco acima da casinha da lana” (EC, p. 15).

“Relembro hoje os sapateiros de minha terra, durante a minha juventude. Havia muitos deles. Os mais antigos, quando do meus primeiros anos de vida (...) foram o Joaquim Pinto Lara (Quinzinho), o

Ninico Reis, o Prudêncio Gomes dos Santos. Depois vieram outros, como o José Reis, o Silvio da Adelaide, o Bilico, o Simão Salomão, o João Augusto dos Reis (Joãozinho), sucedido pelo Antonio Damasceno, o Totônio de Melo, o Jair do José do Josué (...) Curioso é que as oficinas, não só consertavam, mas também faziam calçados por encomenda” (EC, p. 25).

ANTONIO GAIO SOBRINHO – CONCEIÇÃO DA BARRA DE MINAS

“Ninguém fazia sapatos, chinelos, tamancos, cintos e arreios tão bem quanto os seleiros Pedro Turco, Antonio Saturnino Canaan e seu filho José Newton” (MSCBM, p. 127).



ALFAIATES

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“Onésimo aprendeu o ofício de alfaiate com o mestre João Pinto, passando a residir e a exercer a profissão em São Francisco Xavier, hoje cidade de Coronel Xavier Chaves” (ENT, p. 35).

“Orozimbo Lara, todos os dias, pela manhã, ia até a oficina de al-

faiate do João Pinto para comentar as novelas que ouvia” (EC, p. 40).

“1933. Eu era aprendiz de alfaiate na oficina do mestre João Pinto. Tudo muito bonito e aconchegante (...) Dentro da oficina o Bruno do Zé Inácio, o Ivan Barbosa, o Cadico, confeccionadores de calças e paletós, pessoas boníssimas, plenas de calor humano” (EC, p. 45).

PIROTÉCNICOS – FABRICANTES DE FOGUETES E FOGOS DE ARTIFÍCIO

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“...Zé Turco, pirotécnico residente em Santa Rita, hoje Ritópolis (...) Pertencia a uma família da Restinga. O homem era formidável. Dispondo de uma porção de pólvora, não fazia o que não desejava...” (ENT, p. 113).

ANTONIO GAIO SOBRINHO – CONCEIÇÃO DA BARRA DE MINAS

“Festa sem sino, sem banda de música e sem foguetes não era festa. E foguetes, principalmente foguetes de lágrimas, rodas de fogo, quadros e morteiros era com o Silvestrinho, Silvestre José de Abreu. Pelo menos, até que, nas festas de São Sebastião, por cá não aparecesse o santa-ritense Tião Fogueteiro” (MSCBM, p. 124).

ANTONIO DE LARA RESENDE – RESENDE COSTA

“Pouco antes de chegar o Padre Alfredo de Macedo, como vigário da Lage, havia morrido Chico Santana que era o fabricante de fogos de artifício para as festas religiosas e profanas do lugar (...) Conhecendo as habilidades de quem já estava fabricando excelentes velas para o culto (...) tanto virou e tanto mexeu Padre Alfredo que acabou convencendo Papai (Antonio Sebastião) de que poderia encarregar-se de preencher a lacuna aberta com a morte de Chico Santana (MIDBVAC, p. 125) “O homem habilidoso de catorze ofícios e quinze necessidades (...) resolveu a situação e alegrou Padre Alfredo...” (p. 127).

REPARADORES DE GUARDA-CHUVAS

GENTIL URSINO VALE – RESENDE COSTA

“Ao lado, o beco estreito que ligava a Sete de Setembro à rua em que residia o Genésio, exímio consertador de guarda-chuvas” (EC, p. 22)

CARREIROS DE BOIS

ANTONIO DE LARA RESENDE – RESENDE COSTA

“João Vieira era nosso vizinho e carreiro de profissão; o Artur, o candeeiro do pai no transporte de milho em espigas e de lenha em varas de todo o comprimento, geralmente vestidas de carvão de queimadas que precediam sempre a semeadura das roças” (MIDBVAC, p. 142) “João Vieira era uma das criaturas mais mansas, pundonorosas e doces do arraial da Lage...” (p. 144)



SIGLAS DOS LIVROS / AUTORES CITADOS

EC – Estrelas Cadentes (Gentil Ursino Vale)

ENT – Escavações no Tempo (Gentil Ursino Vale)

MSCBM – Memórias Sentimentais de Conceição da Barra de Minas (Antonio Gaio Sobrinho)

SF – (Acaso são estes os) sitios formosos? (Erminia de Carvalho Caputo Resende)

MIDBVAC – Memórias I – Do Belo Vale ao Caraça (Antonio de Lara Resende)

CDA – Confidências do Agreste (Gentil Ursino Vale)

P&C – Pontes & Cia (João Lúcio Brandão)

MVDCV – Minha vida de caixeiro viajante (Paulo Palumbo)



FÉ EM MINAS GERAIS: PERSONAGENS DA PAIXÃO DE CRISTO

A Semana Santa é muito rica e cheia de tradição, está repleta de simbolismos representados pelos personagens bíblicos que desempenham papéis fundamentais na Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Em muitas cidades tem se o costume das pessoas vestirem de personagens bíblicos, principalmente na Sexta-feira da Paixão, formando um grande cortejo durante a procissão.

Os personagens do Antigo Testamento mostram toda a trajetória desde a criação do mundo à redenção vinda de Cristo. Embora os eventos da Semana Santa aconteçam no Novo Testamento, vários personagens do Antigo Testamento são mencionados ou têm importância simbólica nesse período. Aqui estão alguns deles: **Moisés** – que liderou o povo de Israel na primeira Páscoa, quando os israelitas foram libertos da escravidão no Egito (Êxodo 12). A Páscoa judaica (Pessach) é o contexto em que Jesus celebra a Última Ceia, que institui a Eucaristia. **Davi** – Jesus é frequentemente chamado de “Filho de Davi”, pois é descendente do rei Davi. As profecias messiânicas indicam que o Messias viria da linhagem de Davi para estabelecer um reino eterno (2 Samuel 7, 12-16). **Isaías**, o profeta que fez várias profecias sobre o “Servo Sofredor” (Isaías 53), que se cumprem na Paixão de Cristo. Ele descreve um homem que seria ferido por nossas transgressões e levaria sobre si nossos pecados. **Jonas** – Jesus compara sua morte e ressurreição ao sinal de Jonas (Mateus 12:40). Assim como Jonas ficou três dias no ventre do peixe, Jesus permaneceria três dias no túmulo antes de ressuscitar. **Abraão** – A fé de Abraão ao quase sacrificar seu filho Isac (Gênesis 22) é vista como uma prefiguração do sacrifício de Jesus. Assim como Deus providenciou um cordeiro para substituir Isac, Jesus é o “Cordeiro de Deus” que tira o pecado do mundo. **Elias**, o profeta, é mencionado durante a Transfiguração de Jesus, onde aparece ao lado de Moisés (Mateus 17, 3). No período da Semana Santa, há quem interprete que, ao dizer “Eloi, Eloi, lamá sabactâni?” na cruz, Jesus estava se referindo a Elias (Marcos 15, 34). E **João Batista** é conhecido como o Precursor do Cordeiro Pascal, é ele quem se refere a Jesus como o “Cordeiro de Deus” (João 1, 29).

Outra simbologia vem os escritos da beata Anna Katarina Emmerich, que teve visões profundas e detalhista sobre toda a vida de Cristo, que serviram como base para o filme “A Paixão de Cristo” de Mel Gibson. Assim, ela relata dessa forma quando a Alma de Cristo desceu a mansão dos mortos:

“A Alma de Jesus dirigiu-lhes [...] neste lugar estavam todos os santos Israelitas, à esquerda os Patriarcas, Moisés, os Juízes, os Reis; à direita os profetas e todos os antepassados e parentes de Jesus, até Joaquim, Ana, José, Zacarias, Isabel e João. [...] Causou-me inexprimível comoção ver a Alma do Senhor, acompanhada por esses espíritos bem-aventurados e consolados, passar, como um raio de luz, através da terra escura e dos rochedos, pelas águas e pelo ar e pairar tão sereno sobre a terra”.

Sobre os personagens do Novo Testamento: **Jesus Cristo** – O

Cordeiro de Deus, que representa o sacrifício redentor e o amor incondicional de Deus pela humanidade. Sua crucificação é vista como a expiação dos pecados e o estabelecimento de uma nova aliança. A ressurreição é um símbolo da vitória sobre a morte e o pecado. **Maria, mãe de Jesus** – Conhecida como a Mãe Dolorosa, ela encarna a maternidade espiritual e a dor que sente pelo sofrimento de Seu Filho. Simboliza a lealdade e a entrega total à vontade divina, e sua presença na cruz ressalta o papel fundamental da Virgem Maria na redenção da humanidade. **Judas Iscariotes** – Representa a traição e a fragilidade humana, simbolizando a fraqueza perante a tentação e a avareza. Ele expressa a traição que, mesmo carregando arrependimento, não se traduz numa conversão autêntica. **Pedro** – Encarnando a negação e a redenção, simboliza o discípulo que, apesar de ter negado Jesus, anseia por redenção. Embora represente a fragilidade do ser humano, também ilustra a misericórdia divina. Após sua conversão, ele se torna a base da Igreja. **João** – O Discípulo Amado, representa a fidelidade e o amor verdadeiro. E o compromisso com Cristo. Foi o único discípulo que permaneceu junto à cruz, simbolizando a fidelidade. **Pilatos** – A Covardia e a Falsa Neutralidade, Representa a indecisão perante a verdade e a tentativa de satisfazer o público. “Lavar as mãos” simboliza a falsa imparcialidade em relação à justiça e ao bem. **Barrabás** – O transgressor que é libertado, representa a humanidade transgressiva que é libertada em substituição a Jesus. Simboliza a troca de Cristo pelos transgressores na cruz. **Simão Cireneu** – O Servo da Dor, Representa o auxílio e a compaixão pelo padecimento de Cristo. Simboliza todos que carregam suas cruzes e auxiliam os demais a fazê-lo. **Maria Madalena** – A Conversa e o Amor a Cristo representam a transformação promovida pela graça de Jesus sobre os pecadores. Ela foi a primeira a presenciar a ressurreição, simbolizando a fé e o renascimento. **José de Arimateia** – O Seguidor do Silêncio e do Devotamento. Simboliza aqueles que, mesmo em segredo, mantêm sua fidelidade a Jesus. Representa o respeito pelo corpo de Cristo ao sepultá-lo de maneira digna. **Os Soldados Romanos**, personificando a Dureza e a Cegueira Espiritual, simbolizam aqueles que zombam e desacreditam de Jesus, sem perceber sua divindade. Representam a humanidade que ainda resiste à misericórdia divina. A **Verônica**, famosa por enxugar o rosto de Jesus enquanto carregava a cruz rumo ao Calvário. O canto de Verônica, que representa amor e solidariedade em tempos de aflição, sendo proveniente do livro de Lamentações da Bíblia.

Hoje em dia, os registros fotográficos dos figurados revelam muitas saudades, de diversas pessoas em várias gerações. Com participação na Semana Santa. Alguns personagens são passados de pai para filho como tradição, outros são muito concorridos, como por exemplo os apóstolos, Nossa Senhora e São João Evangelista.

Fernando de Castro Campos

O CAMINHO DO TIRADENTES, DA FAZENDA DO POMBAL A VILA RICA

Autora: Cida Chaves

Pedras datadas de 1717 foram encontradas no Engenho Boa Vista e na Capela de N. Sra. Da Conceição da Fazenda do Mosquito, distante apenas 6 quilômetros da Fazenda do Pombal, que remonta ao ano de 1718.

Em 1719, é concedida ao Capitão-mor Francisco Viegas Barbosa uma sesmaria, ou “uma légua de terra em quadra”, correspondente a 4.356 hectares, ou 43,56 quilômetros quadrados, a Fazenda do Pombal, à margem direita do Rio das Mortes. A fazenda produzia açúcar e ouro e, em 1746, ano em que nasceu o Tiradentes, possuía 35 escravos de alto valor, um velho e uma escrava. Apenas uma vaca leiteira. A casa sede era de dois andares e a família morava no andar superior. O térreo era usado como senzala e a oficina para a fabricação e manutenção dos instrumentos necessários ao seu funcionamento. “Uma varanda, recortando de fora a fora da casa, saía da parte da frente para as margens do Rio das Mortes” “Uns 40 passos encontravam-se as senzalas e a cozinha coletiva”. “A água vinha encanada, em quase todo o percurso em troncos de caqueiro caraíba, percorrendo cerca de 4 quilômetros da mina até o engenho. Aos fundos, vê-se a Serra São José.

A fazenda, em meados do século XIX, foi desmembrada em três (3) fazendas: Ouro Fino, Magnólia e Roça Grande. Em 1884, o coronel Emídio de Mendonça desmanchou a sede de Nossa Senhora da Ajuda, levando tudo para a fazenda Ouro Fino, distante três (3) quilômetros da fazenda do Pombal.

As imagens barrocas, o sino, o altar e a porta da capela foram levados pelo coronel. Em 1984, o missal ainda estava com familiares do Tiradentes no arraial de Coronel Xavier Chaves, e a imagem de Santo Antônio, barroca, com os parentes que a levaram para Goiás.

No final do século XIX, a estrada de ferro construiu uma ponte, que ainda existe, hoje apropriada para a passagem de carros. Em meados do século XX, o terreno foi terraplenado em toda a área onde ficava a casa dos senhores. Ela não fora salgada. Cerca de vinte anos depois ela foi tombada e, em 1999, passou ao projeto FLONA, do IBAMA.

Suas confrontações: “a partir da estaca 0 está colocada no eixo da linha da Rede Mineira de Viação – Ramal do Penedo, e distante aproximadamente 65 metros de um marco situado na fazenda Velha, prossegue seguindo cinco (5) alinhamentos nos rumos e respectivas extensões de 88°00’NE, 140m – 83°00’S, 200 m – 77°30’NE, 40m – 40°00’NE e 5°-00’NO, limitando e confrontando com o Rio

Santo Antônio, até a confluência do córrego ‘setecentos’ prossegue seguindo 2 alinhamentos retos, nos rumos e respectivas extensões de 26°-00’NO, 126m; e 9°-00’NE, 193m limitando com o córregos ‘setecentos’”.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA:

Situa-se a 21°-03’30’ de latitude Sul e 44°-16’25’ de longitude Oeste. A temperatura varia de 14,7°- em junho a 22,39°- em fevereiro. O relevo tem a altitude mais baixa de 877m, na margem do Rio das Mortes. E mais alta de 971m, no alto do morro.

INFORMAÇÕES CONTIDAS NO PROJETO FLONA

José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, era de família abastada, órfão de mãe, foi educado por seu irmão, o Padre Domingos. Depois da morte de seu pai, almotacel em São José del Rei, foi morar com seu padrinho dentista e aprendeu o ofício. Foi abrigado pelas suas tias maternas, mãe de Frei José Mariano Veloso, autor da “Flora Fluminense, e da mãe do Padre Antônio Rodrigues Dantas, escritor e autor da “Sintaxe Latina”. Juntos, os primos, companheiros nas andanças pelas matas e serras vizinhas, mergulharam nos questionamentos que brotavam por toda a Europa do século XVIII, o “século das luzes”.

Mantinham uma amizade estreita com os pais do Caraça, estudiosos da língua latina, da flora explorada pelos indígenas e dos variados minerais. Assim, facilmente encontraram entre os iluministas os incentivos para conhecer as ideias que moviam os povos da França e que levaram os americanos do Norte a proclamar a independência da Inglaterra.

O ofício de tratar os dentes o levava por toda a comarca do Rio das Mortes e lhe permitia entrar nos mais variados lugares, sem provocar escândalo. Seu caráter ímpoluto conquistava a confiança para transportar os valores da terra, sua coragem e conhecimento dos caminhos mais íngremes capitanearam também tropas mineiras para a expulsão dos franceses, no Rio de Janeiro. De inteligência aguçada, planejou negócios na Metrópole, desenvolveu estudos de reservatórios de água e armazéns no Porto, idealizou aquedutos para levar ao Rio de Janeiro as águas do Rio Andaraí e Maracanã, facilitando a vida urbana.

Assim, andou por todo o território de Minas Ge-

rais, conhecia bastante as riquezas da Bahia e Rio de Janeiro e foi desenhando sua vida. Senhor de muitas sesmarias junto ao Rio Paraibuna, aí implantou uma fazenda e criava gado vacum numa época em que todos estavam mais ocupados com a extração de ouro da terra.

Tornou-se Alferes do Regimento da Cavalaria do Rio das Mortes, montou uma fábrica de teares; fechada, em 1785, pelas ordens de D. Maria I, que proibia a tecelagem em terras brasileiras. Deste-mido, curioso, portador de grande simpatia para com o povo, andava por toda a capitania, conhecendo chão, flora, minérios e gente insatisfeita com os mandos da metrópole.

Joaquim José e seus familiares estavam entre os primeiros brasileiros a conhecerem as notícias e atitudes dos americanos do Norte contra o "imposto do chá", libertando sua província da Inglaterra. Foram os iniciadores, na Capitania, das ideias iluministas que proliferavam na Europa. Joaquim José atingiu, mais tarde, ao grau Maior de Venerável da Loja de Minas, a categoria mais elevada da maçonaria.

Recebeu de seu irmão, portador de grande cultura jurídica e canônica, Pe. Domingos da Silva Xavier, um dicionário da língua francesa e uma cópia das primeiras "Leis Constitutivas" das treze colônias libertárias da Norte América.

Por onde andava encontrava o descontentamento, as perseguições, a corrupção, os desmandos autoritários da Corte portuguesa.

O ouro minguara nas aluviões, mas a Fazenda Real cobrava os quintos atrasados, ignorava as dívidas e dificuldades dos provincianos das Comarcas do Rio das Mortes, de Vila Rica, e mesmo nas lonjuras do Serro. Cobrava-se o quinto de 100 quilos de ouro, quando se extraía apenas 69 quilos. Todos: fazendeiros, comerciantes, profissionais liberais, todos, tinham o mesmo débito.

As Minas foram descobertas, em 1696, e logo estabeleceu-se o regime de tributação dos quintos. Assim que todos os metais fossem fundidos, uma quinta parte iria para o Reino. A partir de 1713, passou-se a exigir uma contribuição anual de quatrocentas e cinquenta arrobas (450) de ouro. Depois a contribuição baixou para vinte e cinco arrobas (25) e, para compensar, começaram a cobrar impostos ao longo da estrada real. A partir de 1732, foi estabelecida uma cota fixa de 17 gramas de ouro por bateia, ou negro empregado nas minas. A desdita do povo aumentou, porque, se a mina desse ou não, a cobrança era feita, muita vez com violência por parte dos soldados. Eram, também, cobrados impostos sobre todas as produções desenvolvidas nas fazendas e vilas. Agora, pagava-se duplamente, através do imposto sobre as entradas de mercadorias. A dívida da colônia era de oito mil quilos de ouro para o reino de Sua Majestade, D. Maria I.

Os iniciados iluministas, os numerosos agregados, encontravam-se às escondidas das autoridades. Esses homens tão instruídos, como os mais

da Europa, foram se reunindo em "conventículos", que se formavam nas vilas, aldeias e fazendas. Espalharam os ideais iluministas de igualdade, liberdade e fraternidade nas boticas, nos prostíbulos, nas estalagens dos caminhos. Assim, lendo os intelectuais, compartilhando de "bouche à l'oreille", o ideal da soberania da colônia foi se metamorfoseando, objetivamente. A utopia era possível, concretizada pelos colonos da América do Norte.

Joaquim José, honesto e capaz, conhecido como o Tiradentes, tropeiro, militar em constantes expedições, a miúdo visitava os seus parentes na fazenda do Pombal e recolhia suas roupas, coletes espigulhados de prata, fardas, boldriés, as camisas limpas de Bretanha fina. Dali partia, a cavalo, no caminho do alto em direção a Vila Rica.

Cavalgava aproximadamente seis quilômetros, parava na fazenda Boa Vista, (*1), ainda existente, que pertencia a seu irmão padre. Adquire aí o açúcar, a farinha de pau e a cachaça, de velha receita da sua família, para seu consumo e também presentear os amigos. Quatrocentos metros a diante atravessava um pequeno córrego, que transbordava nas épocas de chuva, seguia pelo caminho de terra, onde mais tarde seria uma das mais importantes ruas do arraial de São Francisco, hoje a cidade de Coronel Xavier Chaves. Fiel aos costumes, benzia-se na capela de Nossa Senhora da Conceição (*2), atravessava o ribeirão do Mosquito, na velha ponte de madeira, e subia margeando o ribeirão dos Pinheiros (*3) até chegar ao arraial da Laje (*4), hoje Resende Costa.

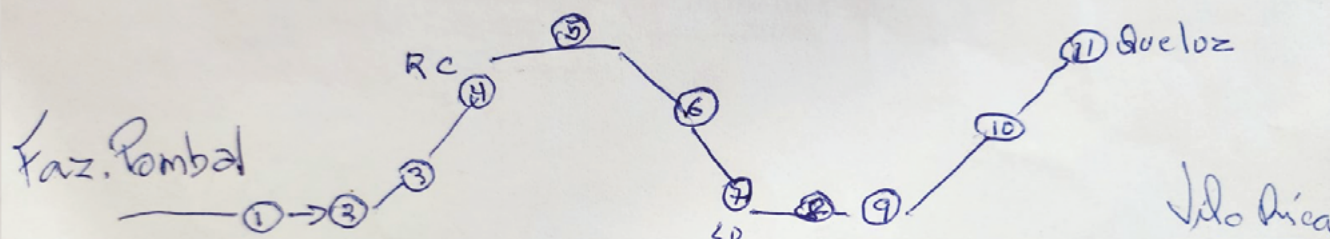
Então visitava o padre Toledo e seus irmãos, ia para a fazenda da Laje, do afortunado amigo, coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, e ouvia as considerações inteligentes de dona Hipólita. Em seguida dirigia-se para a fazenda dos Campos Gerais, do abastado capitão José de Resende Costa, onde a biblioteca de autores franceses ilustrava a mente dos mais jovens, entre eles a de seu filho, homônimo, e do amigo Lúcio. Os livros do abade Thomas F. Raynal, *Revolution de l'Amerique*, -1781 – provocavam os debates e saberes necessários para uma revolução. Tiradentes andava com cópias de textos, em francês, e levava-os, e pedia que traduzissem para ele – um modo que usava para que as pessoas compartilhassem das ideias iluministas. Sob o boldrié de veludo espigulhado de prata escondia a "Coleção das Leis Constitutivas dos Estados Unidos da América".

Por onde ia deixava uns livros franceses e ingleses "para lhe traduzirem certas passagens, que também diziam respeito às coisas da América". Deixava-os como que esquecidos ... contou Antônio Ribeiro da Silva quando inquirido nos Autos da Devassa.

Saindo do arraial da Laje, partia em direção NE, atravessava o nevoeiro da Serra das Vertentes (*5) (a Jaguamimbaba, dos índios) e passava pelos restos das primitivas habitações dos índios Catauá, depois chamados de Cataguás, e chegava à mais

Mapa D. Cida

O caminho do Sinciente, do Pombal
a Vila Rica



antiga fazenda, a Ressaca (*6). Descia por caminhos abertos, aproximadamente 43 quilômetros, até chegar na fazenda da Mutuca (*7), onde se lia o latim desde a fachada da casa. Era a residência do português André Rodrigues Chaves, pai de filhos ilustres, entre eles o futuro comendador Cypriano Rodrigues Chaves. Mais três quilômetros e estava em Lagoa Dourada. Prossegui em direção ao Val e a rica fazenda do Mendanha (*8), do Mestre de campo, Ignácio Pamplona, muito endividado e

descontente com a Coroa.

Caminhava mais alguns quilômetros e encontrava a fazenda do Engenho Velho dos Cataguás (*9), instalada desde o princípio do século XVIII, 1723, por uma numerosa família de açorianos. Mais adiante, chegava a fazenda Pihauy(*10), onde morava sua irmã caçula, que fora adotada pelo Pe. Domingos da Silva Xavier. Seguindo o caminho que ladeava a Serra de Camapuã (*11), tomava o rumo de Casagrande, até Queluz (*12).

INFORMAÇÕES DO LIVRO: “DE LAGOA DOURADA”, MG, DE JOSÉ CAMPOS DE RESENDE, EDITORA DESCONHECIDA, 1978

Nessa travessia, de labiríntico e íngremes caminhos, visitava muitos fazendeiros e os entusiasma-va com a possibilidade de liberdade do jugo da Colônia. Mineradores, comerciantes ou fazendeiros, todos conheciam a impossibilidade de arcarem com as dívidas atrasadas à Fazenda Real. Era generalizada a insatisfação com o mau emprego dos dízimos recolhidos nas passagens da Estrada Real, que vinha desde o Norte da Bahia até a vila de Parati, em São Paulo. A proibição de desenvolverem atividades além da mineração causava indignação nesses homens, brasileiros, ou não, produtores de todos os bens de consumo. Não usufruíam da riqueza da terra, nem concretizavam os ideais sonhados quando imigraram.

Tiradentes usava os costumes mamelucos de conspirar e, excetuando Vila Rica e o Rio de Janeiro, jamais entrava nas interioranas Vilas e Arraiais, preservando os homens ricos da Capitania que, secretamente, se comprometiam com os custos da revolução.

Cida Fraga Chaves, é escritora, estudiosa da história de Minas Gerais e Bahia. Acadêmica da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, BH; Academia de Letras de Bauru, SP; membro da União Brasileira de Escritores, São Paulo, SP. Tem vários livros publicados. Reside em Coronel Xavier Chaves, MG.

REGISTROS DA FAMÍLIA MENDES VALLE EM NOSSA REGIÃO

1ª PARTE

A diáspora da família Mendes Vale – como dezenas de outras de nossa região – rumo ao “Sertão” – final do século XVIII e inícios do século XIX.

Interessantes estudos e pesquisas realizadas por Vânia Mendes Ramos da Silva e comentários feitos pela genealogista Juliana Areias, extraídos da Internet, fazem menção a membros da família Mendes Valle – da qual a pesquisadora Vânia Mendes é descendente – incluindo registros canônicos, comerciais em nosso meio, os quais agregamos à presente matéria. São assentos de batismos, casamentos, cartas de alforria, procurações envolvendo a família Mendes Valle, final do século XVIII e inícios do século XIX, no âmbito da aplicação de São Tiago e ainda Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis) configurando a importância social e patrimonial da citada família, cujos membros, em grande número, migrariam, por aqueles tempos, para o Triângulo Mineiro, em especial para Patrocínio, Paracatu, Araxá e ainda Sudeste de Goiás. Até 1877, a região do Triângulo Mineiro e Paracatu pertencia à diocese de Goiás. A obra é, por sua vez, um excelente subsídio para estudiosos da migração de famílias de nossa região para o Triângulo e Goiás à época. Assim se refere, a esse respeito, a autora: “Parece plausível que tenha saído uma verdadeira comitiva, “uma bandeira” da região de São João Del-Rei (São José Del-Rei/ Tiradentes, São Tiago) e São Francisco de Paula (Oliveira) rumo a Patrocínio, Paracatu e Araxá no Triângulo Mineiro, pois além da família Mendes Valle, temos a família do Major Antonio Alves de Souza Soares (na verdade Ribeiro Brito) vinda de São João Del-Rei também e mesmo os Vieira da Motta/Vieira da Cunha/Ferreira da Cunha parecem ter ligação com São João Del-Rei”.⁽¹⁾

(Possíveis) fatores que levaram a esse êxodo, em massa e sem precedentes, de famílias da região à época: I – A brutal repressão da Corte Portuguesa ao movimento sedicioso denominado Inconfidência Mineira, com epicentro em nosso meio, culminando com a decapitação do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (1792) e ainda a prisão e exílio de vários de seus membros, confisco de bens e outras abusividades, levando muitos de seus descendentes e moradores locais a migrarem para outras plagas; II – A queda de produção e esgotamento das minas, empobrecendo a muitos moradores; III – a abertura do Caminho de Goiás (1736)⁽²⁾ levando muitos a buscarem novos locais de exploração mineral e agrícola, incentivados pela concessão de sesmarias pelo Governo Colonial, com a divulgação de pastagens férteis para gado e terras propícias à lavoura nos denominados “Sertões de Goiás”; IV – as sucessivas expedições militares patrocinadas pela Coroa, promovendo o combate a quilombolas e assaltantes comuns à época no chamado “Sertão do Campo Grande”, “limpando” a área e consolidando o seu povoamento (lembrar que o chamado “Sertão do Campo Grande” estendia-se do Rio do Peixe em São Tiago até o Rio São Francisco, conforme o historiador Tarcísio Martins).⁽³⁾ Ressalte-se, ademais, a gradativa e massiva ocupação territorial de Minas Gerais ao longo do século XVIII, promovendo uma copiosa “onda” em direção a novas fronteiras, objetivando a produção intensificada de gêneros para o abastecimento da Corte e grandes centros urbanos. Assim, as últimas sesmarias concedidas em Minas Gerais datam de 1836 – no caso de Desidério Manoel e Manoel Lourenço Dias na “Cachoeira Alta”, cabeceiras da “Má Vida”, vertentes do Rio Doce, pertencentes ao hoje município de Barra Longa, termo de Mariana.

Historiadores como Paulo César Sampaio de Oliveira esclarecem que as famílias influentes obtinham patentes militares, cargos administrativos, títulos de sesmaria facilmente, enquanto famílias mais modestas tinham que, com grande esforço, avançar para o Oeste, caso desejassem alcançar tais benefícios ou, no mínimo, buscar melhores oportunidades de vida. (“A Construção do Conhecimento Histórico”). As migrações eram sacrificiais, realizadas pelas famílias em grandes grupos – adultos, mulheres, crianças – bem como bens, alimárias, mantimentos, em demoradas semanas ou meses, enfrentando as mais precárias condições de tráfego e eventuais confrontos com bandoleiros.

FAMÍLIA MENDES VALLE – A família (Mendes Valle) tem origem/núcleo, em nossa região, com o português Antonio Mendes Valle, natural da freguesia de Santa Maria do Telhado, arcebispado de Braga, nascido aos 05-04-1712, batizado aos 06-04-1719 em Telhado, vila de Famalicão, filho de João Mendes⁽⁴⁾ e Maria da Costa Ribeiro; migrando para o Brasil, juntamente a outros familiares, estabeleceu-se na região de São João Del-Rei, exercendo a profissão de mestre carpinteiro. Casou aos 20-04-1750 com Francisca Coelho Meirelles, b. aos 03-12-1736 na capela de Santo Antonio, freguesia de São João Del-Rei, filha de Manoel Coelho Meirelles e Isabel da Silva Miranda, esta natural de São João Del-Rei. filha de Pedro da Silva Miranda, um dos empreiteiros da Picada de Goiás e Arcângela Maria de Jesus (Inventário de Manoel Coelho Meirelles cx. 617, ano 1738, lphan/SJDR). Família com propriedades rurais em nosso meio, Rio ou Córrego das Pedras, sesmaria de meia légua que o casal Antonio Mendes Valle e Francisca Coelho Meirelles recebeu em 1764 na Paragem do Rio do Peixe, terras hoje pertencentes ao município de São Tiago (Fontes: Arquivo Histórico Ultramarino cx. 109, cód. 8810, doc. 15) (Inventário de Manoel Coelho de Menezes 1738 – cx. 617 – IPHAN/SJDR).

Há vários registros religiosos e civis envolvendo membros da família Mendes Valle em nossa região, disponíveis para pesquisadores, como o batismo de escravos de Antonio Mendes Valle na capela de São Tiago; Manoel Mendes Valle como padrinho de batismo de Antonio, filho de Luciana aos 24-06-1803 na capela de São Tiago; Antonio Mendes Valle como tutor da órfã Ana; José Mendes Valle como padrinho de batismo de Sebastião Alves de Sá, filho do Alferes Sebastião Manoel de Sá Chaves e D^a Ana Alves da Conceição, aos 18-06-1797 na capela de São Tiago; carta de liberdade de escravos de José Mendes Valle, “morador no Rio do Peixe, aplicação da capela de São Tiago Maior” datada de 23-08-1802 (Livro de Notas n. 12 – 1802/1804 – fls. 1 – São João Del-Rei).

Filhos do casal Antonio Mendes Valle / Francisca Coelho Meirelles:

1. Margarida Mendes Valle, batizada na capela de Santo Antonio em São João Del-Rei aos 20-07-1763; casou na capela de São Tiago aos 22-11-1791 com João F. de Almeida Ramos, filho de João Rodrigues Cardoso e Helena Maria, n. de Barbacena, sendo testemunhas o Pe. Miguel Ribeiro da Silva e Tomás Mendes. Uma das filhas do casal, Maria, foi batizada na capela de São Tiago aos 07-01-1802, sendo padrinhos Antonio Gonçalves de Carvalho e Mariana Ferreira da Silva. D^a Margarida Mendes. faleceu em

Araxá em 1824, com cinco filhos arrolados – Antonio, João Luiz, José, Francisco, Joaquim (Inventário Cx. 20 – Acervo da Fundação Calmon Barreto – Araxá/MG).

2. José Mendes (do Nascimento) Valle, b. aos 08-09-1764 na capela de Santo Antonio em São João Del-Rei, sendo padrinhos José Lopes Ferreira e Maria Duarte, da freguesia de Carrancas. Casou com Anastácia Maria de Jesus, nascida em 1788, filha de Jerônimo Dias de Araújo (Jerônimo José da Rosa, em alguns documentos) e Ana Maria de Jesus, aos 05-02-1809 na ermida de Nossa Senhora das Dores, freguesia de São João Del-Rei, sendo testemunhas Pe. Bernardo Ribeiro da Silva e João de Almeida Ramos. Falecido antes de 17-08-1856 em Patrocínio. Casal com 12 filhos :2. I. Maria de São José, nascida em 1809, c/c José da Cunha Ferreira, batizado aos 06-10-1806, filho do Cap. Ignácio da Cunha Ferreira e Joaquina Maria de Jesus; 2. II. José Mendes do Nascimento Júnior, nascido em 1811, c/c Rodozinda Maria de Jesus, nascida em 1814, casal com descendência e negócios em Bagagem (Estrela do Sul); 2.III. João Mendes do Nascimento (1816-a.1856), c/c Ana Luíza de Jesus; 2.IV. Joaquim José Mendes do Nascimento, nascido em 1812, c/c Zeferina Maria de Jesus (1818-18/08/1858) 2.V. , Ana Rosa de Jesus (1816-a.1856) c/c Francisco Ferreira Bueno ;2. VI. , Antonio Mendes do Nascimento (1818-1856) c/c Maria Cândida de Jesus, filha de Francisco Vieira da Mota e Marcelina Maria de Jesus; 2.VII. , Fidêncio Mendes do Nascimento (1820-1897), c/c Carolina Maria de Jesus, aos 14-04-1846, filha de Cândido Ferreira da Fonseca e Maria Antonia de Jesus; 2.VIII. Manoel Mendes do Nascimento (1822-a.1897) casado em 1ªs nupcias com Maria Teodora de Oliveira, falecida aos 11-12-1846, filha de Francisco de Oliveira Barcelos Brito e Claudina Maria de Souza; casado em 2ªs nupcias aos 16-01-1850 com Maria Clara de Jesus (Clara Antonia de Jesus em alguns registros), filha de Ignácio Ferreira da Cunha e Maria de São José; 2.IX. Maria Honória de Jesus (1824-...) c/c Modesto Jacinto Ferreira Junior, filho de Modesto Jacinto Ferreira e Joaquina Maria de Jesus; 2.X. Maria Jesuina de Jesus (1826-01/05/1861) c/c José Luiz Vieira, filho de Francisco Vieira da Mota e Marcelina Maria de Jesus; 2.XI., Jerônimo José Mendes (1828-...) c/c Carolina Maria de Jesus. 2.XII. Maria Rosa de

Jesus (1830-...). José Mendes Valle em 1819 era proprietário da Fazenda Paiol em Araxá. Dª Anastácia Maria de Jesus faleceu aos 17-08-1756 em Patrocínio.

3. Maria de São José, casada com Antonio Gonçalves de Araújo, falecida em Patrocínio em 1829. Sem filhos, deixou os bens para vários sobrinhos e para seu irmão José Mendes do Nascimento Valle.

4. Antonia Maria Mendes Valle, batizada aos 07-01-1779 na capela de São Tiago, sendo padrinhos Antonio Gonçalves Carvalho e Mariana Ferreira da Silva. Casada com Antonio Rodrigues Villas Boas, tendo o casal sete filhos – um deles, Antonio, batizado na capela de Santa Rita aos 07-01-1802, sendo padrinho Antonio Mendes Valle. Os demais filhos: Maria Antonia, Josefa, Francisca, Manoel, Joaquim e Teresa. Dª Antonia Mendes faleceu em Araxá aos 21-03-1853. (Inventários de Antonia Maria Mendes Valle e Antonio Rodrigues Villas Boas – cx. 61 e cx. 63 – 1854 – Acervo da Fundação Calmon Barreto – Araxá).

5. Joaquim Mendes do Valle natural e batizado na capela de São Tiago; casou aos 06-02-1808 na capela de Nossa Senhora das Dores em São João Del-Rei com Maria Antonia de Jesus, n. de Oliveira, filha de Jerônimo Dias de Araújo e Ana Maria de Jesus, sendo testemunhas o Revmº Pe. Barnabé Ribeiro da Silva e o Cap. Joaquim Pinto de Góes e Lara.

6. Rita Maria Mendes Valle, n. e b. em São João Del-Rei, casou aos 02-02-1799 na ermida da Fazenda São Miguel (Ritópolis) com Luiz Antonio de Miranda, filho do Cap. Antonio Henrique de Miranda e Joaquina da Encarnação de Jesus, n. da vila de Santa Catarina, bispado do Rio de Janeiro, sendo testemunhas o Cap. Joaquim Pinto de Góes e Lara e Antonio Gonçalves de Carvalho.

Antonio Mendes do Valle e José Mendes do Valle são citados no livro “História da vida privada no Brasil” autoria de Fernando Novais, Companhia das Letras, 1997, p. 108

Fonte: <http://tinosgen.com>brabches>juliana.areas>paternal-a-corrida-do-ouro-em-minas-gerais-e-conto-do-vigário-em-goias>, acesso em 10-01-2022

NOTAS

(1) No final do século XVIII e inícios do século XIX, processou-se um grande êxodo de famílias da região rumo às paragens do Alto São Francisco, Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro, sudeste de Goiás, em particular em núcleos como Araxá, Patrocínio, Paracatu, Prata, Pium-i, assunto a ser melhor pesquisado. Levas de famílias como os Mendes Valle, Ribeiro Brito (patriarca o Major Antonio Alves de Sousa Soares), os Vieira da Mota, Vieira da Cunha, Mendes dos Santos, Freire, Ferreira da Cunha, Machado de Faria, Machado da Silveira, Affonseca, dentre tantos, que, em pequeno ou volumoso número, abandonaram a região de São João Del-Rei, ênfase para núcleos como São Tiago, Ritópolis, Oliveira e outros do Centro-Oeste. Assim os Vieira da Mota eram originários de São Francisco de Paula; Silva Vieira oriundos de Dores do Indaia; Pereira Caixeta provenientes de Santo Antonio do Monte; Fernandes de Castro oriundos de Conselheiro Lafaiete; Pereira Cardoso originários de Itapeçerica; Ferreira da Cunha provenientes de Campo Belo; Silva Botelho oriundos da região de Oliveira, Carmo da Mata, Carmópolis e ainda Prados; Miranda Ramalho provindos de Lagoa Dourada;

(2) “O Caminho de Goiás partia, a principio, pelo lado paulis-

ta pelos bandeirantes vindos de Taubaté. Mais tarde e por outro lado, foi aberto o Caminho Novo, iniciado no Rio de Janeiro, atingindo Juiz de Fora até Tiradentes, São João Del-Rei e Barbacena. Rumando para noroeste, tinha principalmente o seguinte trajeto: São Tiago, Morro do Ferro, Oliveira, Formiga, Bambui, Araxá e finalmente Paracatu, onde os caminhos se uniam e seguiam para Goiás” (Heraldo Tadeu Laranjo Mendonça)

(3) Sobre expedições enviadas pela Coroa para combater quilombolas, transitando por nossa região, ver matérias em nosso boletim nº CXIX, agosto 2017.

(4) João Mendes nascido aos 23-02-1691, batizado aos 25 dias do mesmo mês e ano, sendo padrinhos Simão Francisco Taco e Maria Antonia Azeiro, freguesia de Santa Maria do Telhado, vila de Famalicão, arcebispado de Braga, filho homônimo de João Mendes e Isabel da Costa. Casou aos 05-02-1711 em Vale São Cosme, freguesia de Santa Maria do Telhado, vila de Famalicão, arcebispado de Braga com Maria da Costa Ribeiro, filha de Antonio Ribeiro e Maria da Costa, nascida por volta de 1698 em Vale São Cosme, falecendo esta aos 20-12-1723 em Joanes, freguesia de Santa Maria do Telhado, Vila de Famalicão, Braga.

800 anos de uma ode a favor de todas as criaturas: mais urgente e atual do que nunca

Uma análise da atualidade do Cântico das Criaturas, poema de 800 anos de autoria de São Francisco de Assis.

Por Frei Marx Rodrigues dos Reis

Em outubro de 1225, de forma singela e inspirada, Francisco de Assis, que estava enfermo e em seu leito de morte, escreveu a poesia que atravessou gerações e até universos ideológicos, intitulada “Cântico das Criaturas”.

Assim, em 2025, comemoramos 800 anos dessa poesia revolucionária que apresentou à história um novo paradigma não compreendido em sua época e que ainda traz desafios para a sociedade contemporânea. Um paradigma baseado na integralidade do reconhecimento e do cuidado com todas as formas de vida: desde um inseto até mesmo a água, o sol, sem excluir os seres humanos marginalizados.

Há uma curiosidade sobre essa poesia: foi escrita na língua vulgar da época, ou seja, no dialeto italiano, em contraste com o Latim que predominava como a expressão hegemônica da cultura dominante. Essa poesia é ainda hoje um legado linguístico, social e ecológico, pois apresenta um paradigma integral, uma ode ou tratado à grandiosidade e significância de cada forma e expressão de vida.

*Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
teus são o louvor, a glória e a honra e toda a bênção.
Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm,
e homem algum é digno de mencionar-te.*

*Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas,
especialmente o Senhor irmão sol,
o qual faz o dia, e por ele nos ilumina.
E ele é belo e radiante com grande esplendor,
de ti, Altíssimo, traz o significado.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e
pelas estrelas, no céu as formaste claras e preciosas e
belas. Louvado sejas, meu Senhor,
pelo irmão vento, e pelo ar e pelas nuvens e pelo sereno
e todo o tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água,
que é muito útil e humilde e preciosa e casta.
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo
pelo qual ilumina a noite, e ele é belo e
agradável e robusto e forte.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra
que nos sustenta e governa e produz diversos frutos
com coloridas flores e ervas.*

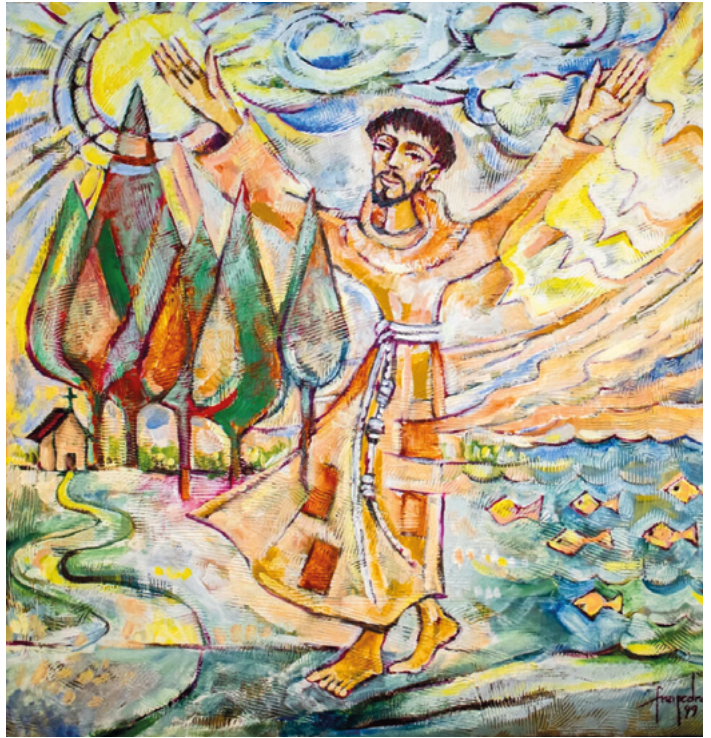
*Louvado sejas, meu Senhor, por que perdoam pelo teu
amor. E suportam enfermidade e tribulação.
Bem-aventurados aqueles que as suportarem em paz,
porque por ti, Altíssimo, serão coroados.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte
corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar.
Ai daqueles que morrerem em pecado mortal: bem-
aventurados os que ela encontrar na tua santíssima
vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal!*

*Louvai e bendizei ao meu Senhor, e rendei-lhe graças e
servi-o com grande humildade.*

(Francisco de Assis)

Fontes Franciscanas e Clarianas. Autor: Frei Celso Marcio Teixeira. Edição. 3o. Editora Vozes, Petrópolis.



Obra do Frei Pedro Pinheiro, OFM, São Paulo

Esse Cântico vai além de uma irmandade entre humanos. Ele une a humanidade a tudo o que existe e proclama a grandeza das criaturas no que elas são, não no interesse humano ou mercadológico. A poesia diz que a água, as estrelas, as ervas são, na sua essência, um louvor ao Criador. Rompe uma ideia de uso e de dominação do ser humano sobre a Natureza, muito presente nos dias atuais, na qual a humanidade fere a Terra, mãe e irmã, como dizia Francisco, de tal modo que põe em risco todas as formas de vida, principalmente a dos que se encontram em situação de vulnerabilidade.

Aqui cabe ressaltar mais um elemento histórico, que ajuda a entender a intencionalidade desse poema: Francisco, naquela época, não podia ver o que ele descrevia, seus olhos tinham sido queimados em uma tentativa de cauterização. No final de sua vida, foi acometido por vários tipos de doenças; por isso é possível aferir que o Cântico não é uma mera descrição das criaturas, mas a experiência que transcende a visão simples do olhar do humano, para uma dimensão de contemplação e vivência da conexão biológica, física e ontológica com tudo o que existe – somos uma comunidade de vida – em que se deflagra a maior certeza: nada existe sem a dimensão intrínseca do Comum.

O filósofo, teólogo e escritor Leonardo Boff apresenta uma reflexão importante acerca do Cântico:

“Na tradição ocidental Francisco de Assis é visto como uma figura exemplar de grande irradiação. Com fina percepção, sentia o laço de fraternidade e de sororidade que nos une a todos os seres. Ternamente chama a todos de irmãos e irmãs: o sol, a lua, as formigas e o lobo de Gubbio. As coisas têm coração. Ele sentia seu pulsar e nutria veneração e respeito por todo ser, por menor que fosse. Nas hortas, também as ervas daninhas tinham o seu lugar, pois do seu jeito elas louvam o Criador. O coração de Francisco significa um estilo de vida, a expressão genial do cuidado, uma prática de confraternização e um renovado encantamento pelo mundo. Recriar esse coração nas pessoas e resgatar a cordialidade nas relações poderá suscitar no mundo atual o mesmo fascínio pela sinfonia do universo e o mesmo cuidado com a irmã e mãe Terra como foi paradigmaticamente vivido por São Francisco.”

(Fonte: bit.ly/RCC_10_65)

Outra curiosidade é que a penúltima estrofe, que exalta o perdão e a paz, foi escrita somente em julho de 1226, na casa do bispo de Assis, para pôr fim a uma desavença histórica entre o bispo e o prefeito da cidade. Esses poucos versos bastaram para impedir a guerra civil. Ao acrescentar uma estrofe para mediar os conflitos, é celebrada uma paz que viabiliza a vida do povo. Assim, a poesia é um louvor aos que sustentam a paz. Mas não uma paz de braços cruzados, mas daquela que queria o fim das guerras.

Por fim, é interessante destacar a escolha de Francisco para expressar uma percepção, sentimento e interpretação da realidade, por meio da poesia. A arte é sempre a forma mais potente de denunciar e anunciar um processo urgente na sociedade. Nesse caso, essa poesia apresenta de forma silenciosa um grito de cuidado e defesa por todas as formas de vida, que vivem num contexto de colapso. Francisco é um artista, apresenta por vezes ações performáticas, porque usa da plasticidade para falar à sociedade de forma sensível, terna e firme. Ele, inclusive, criou também o presépio e tantas outras expressões criativas. É um santo jogralesco e com espírito poético, mergulhado na ética do cuidado e na experiência estética da realidade.

Por isso, esse Cântico é um chamado para toda a humanidade e é atemporal para o compromisso histórico e construção do Bem Viver dos povos, no intuito de que os olhos turvos não desprezem a vida ferida dos injustiçados, dos oprimidos e da Mãe Terra, mas celebre a fraternidade universal. Francisco entende que não somente a voz dos humanos, mas também o grito e o suspiro da Terra clamam por sua existência.

Essa poesia é a mudança de paradigma de um ser humano que sonhava em dominar o mundo, mas que agora o sustenta em seu louvor, reivindicando que todas as formas de vida sejam respeitadas. Entoará esse Cântico quem cuidar da Terra, quem trocar as palavras pelas ações, quem permitir que a morte seja uma irmã, e não o algoz de quem tem o poder do mercado e das armas.

Hoje, vivendo nesse paradigma capitalista de acúmulo no qual vivemos, que financeiriza o sentido da vida, em que a exploração é governada para o lucro e o dinheiro, que coloca à margem do sistema social, econômico e político, milhares de invisibilizados, famintos, sem-terra, sem-teto, sem-renda, os “sem-dignidade”, nesse ciclo de exploração e marginalização que impacta desde sempre “as vidas não humanas”, entoar o Cântico das Criaturas se faz mais urgente do que nunca. O que temos hoje é a terra cimentada para o funcionamento das cidades, que servem ao fluxo desenfreado do ser humano autômato, ou da propagação do pasto para a produção de gado ou de soja em larga escala. A biodiversidade se resume à monocultura para faturar. O antropocentrismo anula a centralidade na comunidade de vida, de que somos parte, querendo ou não.

No contexto contemporâneo, vivemos também um crescente de regimes autoritários em várias regiões do mundo e como tendências e experiências no Brasil, regradas de onda de ódio, louvor às armas, à violência social e estatal diante do outro, atitudes explícitas de racismos, antissemitismo, xenofobismo, homofobismos e machismos. Ao mesmo tempo que se propaga uma política de segurança que persegue negros e residentes de comunidades periféricas, facções criminosas e de milícias, ocupam e sequestram a liberdade e a dignidade dessas pessoas.

Assim, é preciso interpretar as correntes ideológicas e políticas, que formam corações e mentes, muitas vezes, utilizando dos espaços e expressões religiosas, e apresentar formas de promover e mobilizar as pessoas para o projeto político da paz – como possibilidade concreta de uma nova forma de ser e relacionar-se superando estilos, formas e ideologias intolerantes, sectaristas, violentas, bélicas, ultraconservadoras e criminosas.

Por isso, canta Francisco, pois a Mãe Terra tem saudades de ti, e teus irmãos esperam as mudanças para que o futuro não seja semeado pelo descaso, exploração, violações tantas e de morte.

Papa Francisco nomeia bispo coadjutor para a Diocese de Oliveira

O Papa Francisco nomeou, no último dia 8 de abril, o Revmo. Monsenhor Antônio Carlos Paiva como bispo coadjutor da Diocese de Oliveira. A nomeação foi divulgada oficialmente pelo Vaticano, atendendo ao pedido do atual bispo diocesano, Dom Miguel Angelo Freitas Ribeiro.

De acordo com o Código de Direito Canônico (cânon 403, §3º), o bispo coadjutor é designado com direito à sucessão e tem a missão de auxiliar o bispo titular na condução pastoral da diocese, assumindo seu governo quando este deixar o cargo.

Monsenhor Antônio Carlos Paiva é natural de Alto Rio Doce/MG, onde nasceu em 9 de maio de 1968. Pertence ao clero da Diocese de Patos de Minas. Estudou Filosofia no Seminário Maior Maria Imaculada, em Araxá, e Teologia no Seminário Maior Dom José André Coimbra, em Patos de Minas. Também possui licenciatura em Espiritualidade pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Foi ordenado presbítero em 15 de novembro de 1999.

Ao longo de sua trajetória, desempenhou diversas funções na Diocese de Patos de Minas, incluindo as de vigário paroquial, administrador paroquial, reitor de seminário, pároco, vigário forâneo, professor, membro do Colégio

de Consultores e do Conselho Presbiteral. Desde 2020, exercia o ministério de pároco na Paróquia Nossa Senhora da Piedade, em Lagoa Formosa.

A nomeação de Monsenhor Antônio Carlos foi recebida com alegria pelos fiéis da Diocese de Oliveira. O anúncio, também feito pela rádio DC2 FM na sede do bispado e pelas paróquias da diocese, foi celebrado com o toque festivo dos sinos nas igrejas. Monsenhor Antônio Carlos auxiliará Dom Miguel Angelo nas atividades pastorais e administrativas da diocese, assumindo futuramente o cargo de bispo titular.

A ordenação episcopal está prevista para o dia 14 de junho, às 9h da manhã, no Centro de Convenções e Eventos da Universidade Patos de Minas (UNIPAM).



Marcus Santiago

O Enigma da Moça com o Brinco de Pérola: Um Mistério da Arte

De Equipe Brazil Artes

A obra-prima de Johannes Vermeer, retratando a enigmática Moça com o Brinco de Pérola, é mais do que uma simples pintura. É um enigma que desafia nossa compreensão e nos envolve em uma intrigante jornada pela ilusão, expressão e magia da arte. Neste artigo, mergulhamos na profundidade desse quadro icônico para desvendar seus segredos ocultos e entender por que continua a cativar gerações.

O OLHAR QUE NOS INTRIGA

Ao observar a Moça com o Brinco de Pérola, nos deparamos com o enigmático olhar da jovem. Um olhar que nos parece direcionado tanto para nós quanto para algum ponto distante. Esse jogo visual nos convida a questionar a verdadeira intenção da personagem, nos deixando em suspense e instigando nossa imaginação.

A PÉROLA QUE DESAFIA A GRAVIDADE

O brinco de pérola que adorna a orelha da moça é um dos elementos mais intrigantes da pintura. Vermeer habilmente usa pigmentos de tinta para criar a ilusão desse adereço reluzente. A pérola parece flutuar no espaço, desafiando a gravidade, enquanto a ausência de um gancho que a sustente acrescenta um toque de mistério. A verdadeira maestria de Vermeer está em como ele nos engana, tornando a ilusão quase palpável.

A CONEXÃO INTEMPORAL

A Moça com o Brinco de Pérola não é apenas uma imagem estática no tempo. É uma janela para a emoção humana, uma conexão que transcende os séculos. Vermeer não se limitou a retratar uma figura, mas a dotou de uma aura misteriosa e emotiva. Essa conexão intemporal nos permite nos relacionarmos com a personagem e sentir as nuances de sua expressão, mesmo através das barreiras do tempo.

A ARTE COMO ILUSÃO E MAGIA

A maestria de Vermeer como artista vai além de meras pinceladas. Ele criou uma ilusão mágica que nos envolve e nos faz questionar a própria realidade. A Moça com o Brinco de Pérola não é apenas uma pintura, mas um portal para um mundo imaginário e emocional. Através dessa obra, Vermeer nos mostra que a arte não é apenas uma representação visual, mas uma experiência sensorial e emocional profunda.

A HERANÇA DURADOURA

Ao desvendar o enigma da Moça com o Brinco de Pérola, nos deparamos com uma verdade maior: a arte é eter-

na. A obra de Vermeer ultrapassa fronteiras e culturas, inspirando gerações ao longo dos séculos. A magia de sua pintura está em como ela nos desafia, nos emociona e nos faz questionar. A Moça com o Brinco de Pérola é uma prova vívida de que a arte é um veículo para a conexão humana e a expressão atemporal.

CONCLUSÃO: A MAGIA PERPÉTUA DA MOÇA COM O BRINCO DE PÉROLA

A Moça com o Brinco de Pérola de Johannes Vermeer é mais do que uma pintura. É um mistério que nos convida a explorar o complexo jogo de ilusão, expressão e conexão humana. Nesse retrato enigmático, Vermeer não apenas capturou uma figura, mas imortalizou a emoção humana. Cada detalhe, desde o olhar até o brinco flutuante, nos cativa e nos faz questionar a natureza da arte e da realidade. Enquanto admiramos essa obra-prima, também nos conectamos com a essência da experiência humana e a magia perpétua da criação artística.



AO PÉ DA FOGUEIRA



CUSTOS DA AVENTURA À ESPANHA

Luis Caputo, meados da década de 1910, recebera da Espanha uma carta – toda formalizada, timbrada, com selos e assinatura de alta autoridade religiosa – informando-o ser ele herdeiro de avultada fortuna naquele País, necessitando, todavia, que se habilitasse à mesma, pois envolvia ainda a tutela de uma jovem órfã. Assunto que se espalharia pelo arraial, buscando Luis Caputo, para tal, alguém que o acompanhasse até o velho mundo.

A casa do sr. José Sapecado, no centro de São Tiago, era, então, ponto de reuniões, bate-papos e mesmo hospedagem de muitos moradores, em especial oriundos da zona rural. Tamanho o movimento diário, ininterrupto naquela residência, que, dizia-se, que Sapecado gastava um cafezal por ano para atender tantos hóspedes e visitas.

Estando, certa feita, como de praxe, inúmeras pessoas ali reunidas, dentre essas o sr. Tonico Machado e o sr. Chico Palumbo, prosa animada, papo alongado, eis que adentra o sr. Luis Caputo à busca de um acompanhante em sua arriscada viagem. Palumbo, italiano de origem, migrando para o Brasil aos 17 anos, embora com o fundo desejo, de retornar à Europa, ali convidado por Luis Caputo, esquivou-se, alegando estar sua esposa com problemas de saúde, não lhe permitindo viagens longas. Outro cidadão ali presente, membro de ilustre família local, ofereceu-se para acompanhar, roendo as cordas, todavia, às vésperas do embarque para o Rio, de onde deslocar-se-iam até a Espanha. Tudo isso testemunhado.

Luis Caputo recorreu, uma vez mais, a Palumbo, indo até a fazenda deste na região dos Melos, convencendo-o, enfim, a acompanhá-lo. Seguindo orientação dos autores da carta, os viajantes deveriam trajar bonés estilizados, típicos, a fim de serem reconhecidos ao chegarem ao destino.

Após a frustrada ida à Espanha – era uma cilada, perpetrada por estelionatários internacionais, que ficariam conhecidos como

quadrilha do “golpe espanhol” – retornaram ambos malogrados ao Brasil, Luis Caputo seria preso após desembarcar no porto do Rio, enquanto Palumbo conseguira desvencilhar-se, regressando a São Tiago, enfrentando imensa saga e dificuldades no percurso, ao longo de semanas; descendo, enfim, na estação de João Pinheiro, donde chegaria a pé em sua fazenda, ai se reinstalando, retomando a lide cotidiana.

Dali a seis meses, Luis Caputo, após liberado pelas autoridades no Rio, envia uma carta a Chico Palumbo, convocando-o até o arraial, para fins de acerto da atabalhoada viagem. Ficaram, afinal, muitas dívidas a serem quitadas. Aflito, Palumbo desloca-se de casa, buscando atender o pedido do companheiro de viagem. Ao passar pela encruzilhada do Fundo da Mata, próximo ao Córrego das Pedras, encontra-se, fortuitamente, com o sr. Tonico Machado, expondo-lhe o fato.

– Luis Caputo mandou-me uma carta, atribuindo-me responsabilidades no custo da viagem.

– O quê, homem?! Acalme-se! Sou testemunha do fato. Você sequer queria ir. Você foi convidado por ele como acompanhante e com despesas custeadas por ele. Portanto, toda a responsabilidade financeira é do Luis...

Seguindo as orientações do sr. Tonico Machado, Palumbo recusou-se a assumir percentual das despesas da frustrada e rocambolesca viagem, terminando, ao final, tudo bem entre as partes.

Tonico Machado, cidadão respeitado, franco, desabrido por vezes, seria ele a figura central nesse imbróglio, testemunhando em prol de Palumbo, sendo, ao final, convidado para padrinho de um dos filhos de Palumbo, nascido à época.

(Fonte: Sr. Alfeu Castro e esposa e oralidade local)

NR: Sobre o “Golpe espanhol” ver matéria em nosso boletim CXLVI – nov/2019.

Realização:



Apoio:

